



**Universidade de Brasília – UnB Faculdade
de Educação – FE**

Jennifer Oliveira dos Santos

**O IMPACTO DOS CONTOS INFANTIS NA FORMAÇÃO SOCIAL, EMOCIONAL E
PSICOLÓGICA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Brasília

2020

Jennifer Oliveira dos Santos

A perspectiva social, emocional e psicológica dos contos de fadas

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como requisito parcial à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira.

Brasília

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

OS237i Oliveira dos Santos , Jennifer
O IMPACTO DOS CONTOS INFANTIS NA FORMAÇÃO SOCIAL,
EMOCIONAL E PSICOLÓGICA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL /
Jennifer Oliveira dos Santos ; orientador Paula Gomes
Oliveira. -- Brasília, 2020.
72 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2020.

1. Contos de Fadas. 2. Educação Infantil. 3. Letramento
Literário. 4. Literatura Infantil. I. Gomes Oliveira,
Paula, orient. II. Título.

Monografia de autoria de Jennifer Oliveira dos Santos, intitulada “A importância dos contos infantis” e apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Brasília, em 20/11/2020, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Paula Gomes de Oliveira – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Fernanda Muller – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Delma Marcelo – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Alexandra Rodrigues – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a todas as pessoas que acrescentaram um pouco de magia nessa minha jornada. Ao meu companheiro que sempre agiu de forma impulsionadora, me mostrando que valia a pena acreditar que todos os caminhos e escolhas podem ser um pouco mais mágicos, só é necessário acreditar. Aos meus amigos e familiares que sempre serviram de exemplos de força, coragem e persistência. E aos professores que fizeram meu amor pela educação crescer e se tornar cada vez mais real.

RESUMO

Desde o início de suas vidas as crianças estão em contato com a literatura infantil, seja por meio do ambiente escolar seja por meio do âmbito familiar. Dessa maneira, as histórias inventadas são instrumentos importantes que tem grande impacto na formação psicológica, social e emocional das crianças. O presente trabalho visa apresentar e discutir questões que permeiam a literatura infantil na Educação Infantil, mais precisamente os contos de fadas, e como essa ferramenta conversa com o imaginário infantil. Os contos de fadas são histórias que apresentam características físicas, sociais e morais bem marcantes. Por meio de análises de histórias inventadas, o estudo que se segue busca apresentar a necessidade dos contos de fadas para o imaginário infantil ao tempo que traz a luz as problemáticas que podem estar escondidas nesses enredos para que os estereótipos sociais, físicos e morais não sigam sendo perpetuados.

Palavras-chave: Contos de fadas. Literatura Infantil. Estereótipos.

ABSTRACT

Since the beginning of their lives the most of children are in contact with children's Literature, either through the school environment or through the family environment. In this way, the invented stories are such important instruments that have a great impact on the psycho, social and emotional formation of the kids. The present work aims to present and discuss issues that permeate children's literature in early childhood education, more precisely fairy tales, and how this tool talks to the children's imagination. The fairy tales are stories that have very striking physical, social and moral characteristics. Through analyzes of fairy tales, the study that follows seeks to present the need of fairy tales for children's imagination and at the time that brings light to the problems that may be hidden in these scenarios, so that the social, physical and moral stereotypes do not follow being perpetuated.

Keywords: Fairy tales. Children's literature. Stereotypes.

SUMÁRIO

MEMORIAL	08
INTRODUÇÃO	11
1 LITERATURA INFANTIL	13
1.1 Literatura Infantil : Origem e Desdobramentos	13
1.2 Literatura Infantil e Escolarização	15
1.3 Letramento Literário	17
2 OS CONTOS	21
2.1 Origem dos Contos de Fadas na Cultura Ocidental	21
2.2 Os Contos de Fadas no Brasil	23
3 CARACTERIZAÇÃO E ESTEREOTIPO NOS CONTOS DE FADAS	27
3.1 Contos numa perspectiva interpretativa	27
3.2 Contos de fadas e Estereótipos	31
4 METODOLOGIA	34
5 ANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS	36
5.1 Branca de Neve - Irmãos Grimm	36
5.2 A Pequena Sereia - Hans Christian Andersen	43
5.3 Cinderela - Charles Perrault	49
5.4 A Princesa e o Sapo - Ron Clements e John Musker	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	65
REFERÊNCIAS	66

MEMORIAL

Nasci em outubro, no ano de 1998, numa manhã na qual o sol roubava a cena na cidade de Ceilândia. Filha de mãe mineira e pai paraibano, e irmã mais velha de uma linda e séria moça que me mostra todos os dias que o lado colorido e mágico da família ficou comigo. Toda essa mistura serviu para me inspirar e me fazer acreditar em coisas mágicas e fantásticas.

Vivendo em uma família muito animada e divertida, tive uma infância cheia de histórias inventadas para noites de pijamas, festas com decorações elaboradas e muitas fantasias. Desde pequena, uma criança encantada com vestidos bufantes, rendas e, principalmente, cor-de-rosa. Nos contos de fadas, eu me via retratada em todas aquelas princesas e em seus castelos e príncipes encantados.

Com meus 8 anos, conhecendo quase todas as histórias de princesas já feitas, minha irmã nasceu e desde então, uma das minhas coisas favoritas é encher de brilho os olhos de crianças ao contar histórias fantásticas. Cresci, uma garota que amava a música, a dança, as cores e tudo que envolvia a magia da vida. Muitas profissões passaram pelo meu imaginário, bailarina, professora, artista circense, estilista e até mesmo juíza. No Ensino Médio, me inscrevi em dois cursos da UnB, direito e pedagogia, para minha surpresa, fui aprovada nos dois. E para a surpresa da minha família, escolhi pedagogia.

Cheguei na universidade e desde o primeiro momento me senti parte deste curso, e hoje sei que a escolha por pedagogia foi a mais certa da minha vida inteira. Vivendo e convivendo com diferentes pessoas, diferentes realidades, todas juntas no espaço da Faculdade de Educação encontrei um pouco mais sobre o mundo e um pouco mais sobre meu próprio ser.

Muitas foram as disciplinas e professores que me inspiraram e me mostraram o lindo caminho que a pedagogia forma. Nas disciplinas cursadas com a professora Dra. Paula Gomes, encontrei a razão para continuar sendo nessa luta pela educação. O brilho no olhar de quem ensina a ensinar me marcou de maneira tão genuína, que tenho certeza que jamais me esquecerei dessas disciplinas.

Além dos momentos onde o amor fluía sem obstáculos, também me deparei com disciplinas que me mostraram a luta constante que é a educação. Na disciplina “História da Educação Brasileira” pude ter contato com todo sofrimento já passado para que estivéssemos aqui hoje, ainda lutando por uma educação melhor e mais

afetuosa. Na disciplina “Psicologia da Educação” me deparei com as realidades que são expulsas para fora da sala, vi que o que transforma um aluno em “aluno problema” é a visão que o educador tem dele. Entendi, que a maior e mais forte arma que pode ser utilizada em sala é o afeto, pois é com ele que conseguimos enxergar pessoas como pessoas, e não como suas limitações.

No decorrer do meu processo de formação, estagiei apenas em dois lugares. O primeiro, uma escola de reforço voltada para crianças que possuíam dificuldades nos conteúdos regulares de sala de aula. Nesse ambiente, aprendi muito sobre o que me era ensinado na Faculdade de Educação, mas além de tudo, aprendi sobre qual educadora eu queria me formar, pude ver o amor em sua forma mais pura e sincera ao ouvir um “Obrigada tia” seguido do maior brilho no olhar possível. E foi nesse momento que descobri que a educação se trata de magia, é pela magia que aprendemos e ensinamos, o que fica em nós fica por meio da magia, por meio da beleza. E não é necessário um castelo para que a mágica aconteça, ela só precisa de corações que acreditem que podem se tornar o que quiserem.

O segundo lugar no qual estagiei, foi o lugar no qual meu coração se sentiu mais feliz. Um lugar onde aprendi que as crianças são seres fascinantes que têm muito mais a nos ensinar do que a aprender de nós. Um lugar onde o amor reina de uma maneira igualitária, onde todos são reconhecidos por serem exatamente quem são, com todas suas diferenças e emoções. Nesse lugar pude ver que a magia entra em contato com todos que a querem, que a buscam e que nela acreditam. Com as crianças, o amor que damos é magia, e o que recebemos é a magia ainda mais forte.

Com uma vida regada de coisas fantásticas e histórias de contos de fadas, não podia escolher outro tema de pesquisa para finalizar minha trajetória. Saber como as crianças têm contato com a magia e com as histórias inventadas dentro das salas de aula, é o meu combustível para continuar lutando pela educação.

Acredito que o interesse maior tenha surgido quando aos 10 anos, me deparei com a seguinte pergunta “Nas histórias não existem princesas gordas?”. Na época, foi um questionamento que surgiu e foi embora praticamente no mesmo momento. Ao adentrar o mundo que é a Universidade de Brasília, tive espaço para novamente pensar nessa questão, e pude ver que sim, na maioria das histórias de contos de fadas, não existem princesas gordas, nem negras, nem com cabelo crespo e etc. E foi nesse momento que pensei que escrever sobre os contos de fadas sem falar dos

estereótipos contidos neles, era o mesmo que continuar levando às crianças histórias com as quais elas não se identificariam.

E é por isso que hoje escrevo e pesquiso sobre os contos de fadas e os estereótipos. É por acreditar que a magia está presente na educação, e que nós, educadores, somos responsáveis por fazer que essa magia seja interessante e proveitosa para todos, independente de cor, gênero, raça e etc.

INTRODUÇÃO

Consideramos fundamental que infância seja conhecida e tratada como um lugar de diferentes possibilidades e experimentações na sociedade atual. As vivências infantis deixam marcas que serão lembradas durante toda a vida, principalmente nos momentos de autoconhecimento. Os contos de fadas são histórias inventadas, ricas em temas pertinentes à formação da subjetividade da criança. Dessa forma, conhecer as características sociais, físicas e emocionais dessas histórias é de muita importância para traçar estratégias que tornem as descobertas imaginárias infantis mais prazerosas e reconhecidas.

Além disso, a sociedade está repleta de estereótipos ¹físicos e sociais que são, muitas vezes, construídos na infância. Os contos de fadas ²possuem suas bases histórias vindas da Europa, de uma época diferente da que vivemos atualmente. Tal contexto influenciou diretamente na criação de características que hoje podem acarretar na perpetuação de muitos desses estereótipos. Dessa forma, é importante para o ambiente educativo entender como esse processo de influência pode acarretar em mudanças importantes para a educação, para a prática docente e para as crianças.

Os contos de fadas possuem importância real no imaginário da criança, o uso desse meio literário pode ser contribuinte para a construção do caráter e de outros elementos que surgem na infância. Dessa forma, as características presentes nos contos podem influenciar o pensamento infantil tanto de maneira positiva, ampliando o imaginário e estabelecendo conceitos importantes à infância, quanto de maneira negativa, perpetuando estereótipos físicos/ sociais e conservando costumes arcaicos e excludentes.

Levando em consideração o tema proposto, o trabalho que se segue tem por objetivo geral analisar os contos por meio de uma perspectiva social, física e emocional à luz da abordagem trazida por Bruno Bettelheim (2018) em seu livro “A psicanálise dos contos de fadas” e também da abordagem interpretativa sobre os estereótipos sociais. Tendo ainda como objetivos específicos:

- Estudar a literatura num contexto escolar e voltado para a Educação Infantil;

¹ Utilizaremos o entendimento do sociólogo Erving Goffman sobre estereótipo. Segundo ele o estereótipo está diretamente ligado ao estigma social, que diz respeito às características pejorativas, nos processos de construção dos significados através da interação. (GOFFMAN, 1980)

² Adotaremos esse termo, de origem europeia, mas na classificação dos contos, muitos autores como, Nelly Novaes Coelho, se referem a esses contos como “contos maravilhosos”.

- Apresentar a origem dos contos de fadas;
- Relacionar as características presentes nos contos de fadas com os estereótipos enfrentados no mundo atual;

A partir desse objeto de pesquisa o trabalho que se segue é disposto em forma de capítulos divididos em subcapítulos afim de trazer mais profundidade ao temas propostos. Durante o primeiro capítulo as questões relacionadas a literatura e como essa arte serve de instrumento para o ambiente escolar serão apresentadas, principalmente num contexto de Educação Infantil.

Seguindo, a pesquisa se desdobrará a apresentar os contos de fadas como instrumentos literários utilizado para, e pelas, crianças. Sua origem, sua motivação, suas diferentes versões e impactos serão aqui explicados e observados. Para contemplar o objetivo específico de relacionar as questões de estereótipo, o terceiro capítulo, traz a reflexão sobre os padrões e reflexos da sociedade contidos e apresentados às crianças pelos contos de fadas utilizados, ou não, em ambiente escolar.

Por fim, a presente pesquisa traz a análise de quatro contos amplamente conhecidos por crianças, e adultos, de todo o mundo. Por meio dessas análises será possível enxergar e relacionar o enredo dos contos de fadas com as questões sociais, psicológicas e emocionais que são afetadas pelos estereótipos contidos, e perpetuados, na sociedade.

1. LITERATURA INFANTIL

A necessidade de se falar da literatura infantil vai desde sua criação como arte e forma de expressão, até seu uso no cotidiano das crianças em suas casas e salas de aula. O impacto da divisão de uma literatura específica para as crianças marcou a cultura de tal forma, que hoje em dia é difícil encontrar uma escola, ou casa, na qual nenhuma história infantil esteja presente.

Além de sua origem, outra questão se torna pertinente sobre a literatura infantil, de que forma e por qual razão ela deve ser usada com as crianças em âmbito escolar. É importante destacar que os fins pedagógicos de se usar a literatura infantil em sala de aula são inúmeros, tanto a aquisição de leitura e escrita quanto o desenvolvimento cognitivo e sócio emocional são enriquecidos pelo uso das histórias infantis (PAÇO,2009).

Tendo a literatura infantil como objeto presente na escolarização das crianças de forma geral, a discussão sobre o letramento literário também é válida e importante. Afinal, escolher e entender melhor suas próprias vivências, objetivos alcançados com o uso desse letramento, com a literatura é enriquecedor para a criança, em qualquer fase que esteja vivendo.

1.1 Literatura Infantil: Origem e Desdobramentos

A literatura infantil diz respeito às obras de cunho literário que foram feitas, pensadas e elaboradas para uso do público infantil, independente da época. Fazer com que as crianças possam ter contato com o mundo em que vivem por meio de histórias fantasiosas e ajudá-las a, com isso, formar suas percepções se tornou um dos objetivos da literatura infantil. (CADEMARTORI, 1986).

“A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas” (FRANTZ, 2001, p. 16).

A literatura infantil surgiu da necessidade da criação de um gênero literário que fizesse sentido para as crianças, já que até então, antes do século XVII, as obras

literárias consumidas pelo público infantil eram as mesmas feitas e compradas por adultos. Para além das obras literárias, é sabido que as crianças também usavam as mesmas roupas, sapatos e até locais de trabalho. De acordo com as palavras de Cademartori (1986, p. 38-39), “a criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”.

A criação de uma literatura destinada ao público infantil foi reflexo de uma nova visão sobre a criança, que passa a ser vista como um ser singular devido a fase e as experiências que vive. Dessa forma, a literatura infantil além de tornar mais visível a fase da infância, também foi um marco na descaracterização da criança como um “mini adulto”. Ao observar e diferenciar a fase da infância, os adultos buscaram idealizar essa fase imprimindo nela suas percepções de que a criança era inocente, não tinha experiência e por isso deveria ser ensinada a enxergar o mundo e enfrentar as adversidades que seriam encontradas.

Além de trazer uma nova vertente dessa forma de expressão voltada exclusivamente para as crianças, o surgimento desse viés literário também teve notória importância devido ao fato de servir, também, para educar moralmente as crianças em diversas situações. As premissas básicas das fábulas e dos contos de fadas, gêneros que permeiam a literatura infantil, eram fundamentadas em tratar questões que educassem e corrigissem o comportamento infantil de uma forma mais lúdica e artística.

A literatura infantil tem sua origem, em um primeiro momento, com as tradições orais. As histórias contadas em família para as crianças, histórias dos avós fazem, também, enriqueceram a literatura infantil. Muitas dessas tradições lendárias não foram escritas, mas isso não faz com que percam seu valor. Assim como as histórias escritas um tempo depois, essas também possuíam o mesmo entendimento moral por objetivo.

Desde o início as histórias possuíam uma dualidade, entre o bom e o mau comportamento, muito marcada a fim de trazer o entendimento para as crianças do que era apropriado para a infância. Ou seja, a idealização dessa infância influenciou de forma absoluta a criação dessa literatura voltada para as crianças da época. O marco escrito para essa literatura infantil surgiu por volta de 1697 por meio de Charles Perrault e suas obras, até hoje consagradas, “Mãe Gansa”, “Cinderela”, entre outras. Apenas depois do século XX essa literatura chegou ao Brasil, e foi marcada

por meio do conto “O patinho feio” de Andersen. No que se trata de uma literatura infantil brasileira de berço, Monteiro Lobato foi um dos primeiros a criar histórias que fizessem parte desse gênero.

1.2 Literatura Infantil e Escolarização

O uso da literatura infantil em sala de aula é algo amplamente discutido desde a criação dessa literatura. A importância desse instrumento educativo é questionada devido seu caráter artístico que por vezes é menosprezado dentro do ambiente escolar quando comparado com textos didáticos. As histórias infantis não precisam estar no mesmo patamar dos materiais didáticos comuns, pois buscam, além das questões de leitura e escrita, apresentar situações de mundo que influenciam no desenvolvimento da criança como um todo.

O enredo que se faz presente na literatura infantil é um instrumento que apresenta o mundo de significados aos pequenos, significados esses que serão essenciais para o desenvolvimento de diversas áreas emocionais e cognitivas da criança. (PAÇO,2009). Trabalhar com os contos num contexto escolar aproxima os educandos pois os faz pensar sobre uma mesma história, ali contada, a partir das diferentes experiências de cada um.

Além disso, uma sala de aula que tem como ferramenta o uso dos contos viabiliza a criação da linguagem, pois a partir do ouvir e conhecer as crianças se sentem impulsionadas a manifestar e externar seus sentimentos pertinentes. A possibilidade de imaginar o não real, contido nas histórias infantis, abre para as crianças um leque de situações que mais tarde serão pontos importantes para a construção de seus valores e personalidades, ampliando seus horizontes criativos e culturais. Para Bettelheim :

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 2018, p.20).

A criança nasce num mundo de socialização e a interação dela com as culturas plurais enriquece a bagagem impulsionando-a a formar aspectos de sua personalidade individual que serão levados ao longo de sua vida. Os valores são

adquiridos a partir do conhecimento sobre eles e a literatura infantil contribui pois traz exemplos lúdicos e, por vezes, imaginativos da relação entre os seres humanos. Isso faz com que a criança observe, por meio de um instrumento irreal, situações de sua realidade incompreendida.

Para Leontiev (1978), a infância é a fase de maior criatividade livre, ou seja, é nesse momento que a criança apresenta, em suas criações, traços genuínos de sua própria personalidade. Assim, tudo que a rodeia, seja de maneira pensada, ou não influenciará nesse processo. Dessa forma, os contos devem ser inseridos logo na infância, para que possam corroborar nessa conquista pessoal do pequeno estudante.

A literatura oferece a criança a possibilidade de se colocar em diferentes contextos, de se imaginar em diferentes situações e lugares, isso a enriquece como ser social. A criança, nesses múltiplos contextos em que vive, é pessoa ativa, ou seja, sua criatividade não reflete apenas sua personalidade, mas a partir disso também gera cultura. A definição de criança pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, resolução CEN/CEB nº 5/2009), no artigo quarto como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.12).

O ser humano já nasce buscando entender e participar do mundo em que vive e isso o faz criar, naturalmente, uma forma singular de ler e se comunicar com o externo. Ao longo da trajetória escolar essa forma singular vai se tornando mais concreta e efetiva com a leitura e escrita da palavra. Como apresentado por Paulo Freire, no livro *A importância do ato de ler* (1989), “*a leitura do mundo antecede a leitura da palavra*”.

Devido a necessidade de que a criança aprenda a ler a escrever para alcançar uma melhor comunicação com o mundo em que vive, o processo de letramento começa a ser inserido ainda nos anos finais da Educação Infantil. Como supracitado, é comum que as crianças já tenham tido contato com a literatura infantil antes de chegarem ao ambiente escolar. Na sala de aula as histórias são utilizadas desde os primeiros anos da Educação Infantil para tornar esse contato com a leitura cada vez mais próximo.

Quando lemos estamos produzindo sentidos reproduzindo-os ou transformando-os. Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos

participando do processo sócio histórico de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada. O cerne da produção de sentidos está no modo de relação, leitura entre o dito e o compreendido (ORLANDI, 2008b, p. 59).

A partir das legislações sobre o Ensino Fundamental de 9 anos, sendo atualmente dos 4 aos 17 anos de idade, surge a preocupação de uma possível alfabetização precoce, pulando etapas do desenvolvimento infantil. Para que o estudante de se desenvolva de forma plena, o tempo e as vivências da criança devem ser respeitados. O que de fato é esperado não é que ao entrar no ambiente escolar a criança seja inserida no processo de alfabetização, os pequenos precisam ter estímulo ao uso do imaginário. A criatividade e a formação de valores, por exemplo, surgem a partir da aproximação pessoal e singular de cada criança com o campo imaginário. Dessa forma, os contos infantis são preciosos ao ponto que valorizam as etapas do desenvolvimento infantil, pois são instrumentos que relacionam o real da criança ao irreal de sua imaginação.

O imaginário infantil, muitas vezes estimulado por histórias e contos infantis, permite que a criança exercite sua criatividade em vários âmbitos, tornando –se autora de seu próprio desenvolvimento.

1.3 Letramento Literário

Na área da Educação Infantil, muito se discute sobre os temas letramento e alfabetização. Tais elementos estão inseridos na vida da criança desde muito cedo, direta em um ambiente escolar, ou indiretamente, em locais de convívio particular da criança. Neste trabalho não nos atentaremos a estudar profundamente a alfabetização, justamente por não ser um objetivo a ser alcançado pela Educação Infantil. Porém, o letramento deve ter total visibilidade, pois perpassa todas as áreas do desenvolvimento da criança, inclusive das mais pequenas. E não se trata apenas da compreensão da escrita ortográfica, do conhecimento do alfabeto ou do uso da gramática.

O letramento ultrapassa o simples ato de ler ou escrever, pois diz respeito a poder usar esses instrumentos de conhecimento para tornar sua interação oral válida e significativa (KLEIMAN, 1995). Dessa maneira, o letramento está inserido no contexto de Educação Infantil ao ponto que representa as várias facetas da prática discursiva de um determinado grupo. As crianças, desde o nascimento, estão

presentes em diferentes contextos e vivências e fazem sua leitura de mundo e das diversas práticas com que tem contato. Se apropriar do letramento, para além de um instrumento da alfabetização, com os estudantes pequenos estimula o pensamento crítico e a criação de significado de tudo o que é visto, gerando assim uma maior participação social.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. (KLEIMAN, 1995, p20)

A arte da literatura é vista praticamente em todas as fases da Educação Básica. A partir disso, foi observada uma necessidade de melhorar o estudo dessa área de estudo e dessa maneira o letramento literário tem por objetivo deixar o contato com essa literatura, independente da fase, mais amplo. (SILVA E SILVEIRA, 2011).

A comunicação com o outro acontece desde o nascimento, para os bebês esse é um processo não pensado, mas ainda assim o choro, balbucios e gritos vão se tornando instrumentos de comunicação externa (FACCI, 2004). No início da vida, esses instrumentos são direcionados apenas aos adultos responsáveis, que já conseguem, por meio da convivência diária, tornar essa comunicação significativa e assim ajudar.

Ao entrar no ambiente escolar esses métodos de comunicação são voltados também para as outras crianças, um convite para brincar, um choro para dizer que não gostou de tal atitude, entre outros. É a partir da interação com outras crianças, com outros meios, no brincar imaginário e também no conhecimento de contos infantis que a oralidade da criança vai se estabelecendo como forma de comunicação concreta. Nessa direção, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2006) tratam que a prática pedagógica deve ter como eixos a interação e a brincadeira, permitindo assim que as crianças vivenciem e entrem em contato com diversas narrativas diferentes.

A escola, local onde a oralidade é bastante estimulada, deve estar sempre permitindo que a criança tenha liberdade para relatar sua realidade e vivência. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola construir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e as diversidades. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1998, p.49)

Para a realidade das crianças pequenas a oralidade é o meio mais fácil e prático de exercer uma comunicação. Para Vygotsky (1996) é a partir da interação com o outro que a criança desenvolve diversos aspectos que dizem respeito a sua capacidade cognitiva e também emocional, o que inclui, também, a oralidade. A aquisição da linguagem proposital e entendida permite à criança uma visão de si mesmo como alguém repleto de significados e entendimentos.

“a linguagem oral é um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, construímos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e experiências, ingressamos no mundo. Assim, ela amplia nossas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais.” (CHAER; GUIMARÃES, 2012, p.72)

Por se estabelecer mais na leitura, o letramento literário é aplicável na Educação Infantil, pois ao ouvirem histórias as crianças tornam-se leitores indiretamente. Para as crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses de idade) é ainda mais rico, pois elas já fazem leituras individuais a partir das imagens que expressam o contexto da obra literária.

O letramento literário ajuda na formação o indivíduo para que esse tome consciência de suas leituras, diretas ou indiretas, e possa exercer suas escolhas particulares de acordo com suas próprias percepções acerca do texto lido/ouvido.

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 1998, p. 56)

Em uma de suas obras Rildo Cosson (2006) apresenta uma sequência para o docente que almeja trabalhar com o letramento literário em sala de aula. São elencados diversas estratégias para a aquisição desse letramento. Nesse trabalho nos atentaremos a primeira estratégia. O passo inicial consiste em fazer uso da motivação no processo de leitura, ou contação de histórias para as crianças menores. Ou seja,

trazer o estudante para o contexto literário, prepará-lo para estar em contato com tal instrumento. Afinal, o primeiro contato pode definir como a criança seguirá durante todo seu processo de letramento e leitura.

O professor é o principal mediador no processo de letramento literário, principalmente quando tal processo se dá na infância, é ele quem apresenta os textos literários ao estudante e faz uma espécie de ponte entre o texto cru para ser trabalhado e a criança. (FERNANDES, 2011). Dessa forma, é imprescindível que, a escola e o docente tenham práticas pedagógicas que visem a formação do leitor literário.

2. OS CONTOS

Popularmente conhecidos por tratarem de histórias inventadas e normalmente fantasiosas, os contos são instrumentos da literatura infantil utilizados com bastante frequência pelas crianças. A busca por uma origem com data e autor é algo que até os dias atuais não foi encontrado, pois as tradições que antecedem os contos ocupam boa parte da explicação de sua chegada ao mundo da literatura. As características, personagens e objetivos dos contos dão ao estudo deles esse ar tão encantador e místico.

Além da origem dos contos de forma ampla, é também importante conhecer e observar a trajetória que esse gênero literário ³enfrentou chegando ao território brasileiro. Como as tradições culturais influenciaram, e influenciam, os contos que cercam as crianças brasileiras.

2.1 Origem dos contos de fadas na cultura ocidental

Os contos de fadas possuem em suas origens, bases folclóricas e mitológicas, que têm por objetivo explicar os acontecimentos e também expressar os desejos. Para Coelho (2003), essa origem se deu inicialmente na comunidade celta e a partir da oralidade, tradição desse povo, foi se disseminando e tomando forma, mas não é possível dizer ao certo.

A verdadeira origem das narrativas populares maravilhosas perde-se na poeira dos tempos. A partir do século XIX, quando se iniciam cientificamente os estudos de literatura folclórica e popular de cada nação, mil controvérsias são levantadas por filósofos, antropólogos, etnólogos, psicólogos e sociólogos, que tentavam detectar as fontes ou os textos-matrizes desse caudal de literatura maravilhosa, de produção anônima e coletiva. (COELHO, 1987, p.16)

Os contos de fadas foram inicialmente pensados como histórias para adultos, a preocupação com a criação de uma literatura infantil não era algo concreto. A primeira coletânea de contos maravilhosos foi lançada na França no século XVII,

³ Aqui será analisada a trajetória dos contos de origem europeia, contos de outra cultura não foram incluídos nessa pesquisa. Porém, é válido ressaltar que a maioria desses contos possuem diferentes versões em outras culturas e outros tempos.

nesse momento, os contos ainda eram destinados aos adultos. Apenas no século XVIII os seres irrealis e as fadas abandonaram o enredo da literatura para adultos e foram transferidos para a literatura infantil. Os contos que conhecemos hoje fazem parte de uma literatura que encanta crianças e jovens.

A literatura dos contos infantis foi disseminada, primeiramente, na Europa pelo francês Charles Perrault em 1697 com o livro intitulado “Contos da Mamãe Gansa”, o livro era um compilado de histórias vividas pelo povo francês. Ou seja, as histórias maravilhosas não surgiram de divagações, ou puramente da imaginação, foram apenas observações cotidianas adaptadas pelo autor para que trouxessem entretenimento ao povo e se adequassem ao trono de Luís XIV.

O trabalho de adaptação dos contos, se deu, praticamente, em conjunto com sua origem e disseminação, sendo feito até hoje por contistas e contadores de histórias. As adaptações normalmente eram feitas para que se adequassem aos princípios morais, e também ao gosto das classes melhor favorecidas. Dessa forma, os contos infantis a que temos contato hoje foram reformulados em vários momentos variando entre, contextos, culturas, governos e outros.

Ao observar os contos originais de Perrault, e outros contistas, nos deparamos com histórias repletas de violência, sexualidade, agressividade e outros temas que não são bem recebidos pela sociedade de forma geral, nem hoje e nem na época em que foram criados. Além disso, Perrault notou que as mudanças nas histórias se devem também ao processo de mutação da própria mentalidade. As narrativas tendem a se moldar de acordo com a mentalidade, cultura e outros aspectos de um povo.

Os irmãos Grimm também expressam um marco na literatura infantil de contos fantásticos, possuindo objetivos diferentes dos de Perrault, os contos dos Grimm não eram destinados à corte, eram histórias nas quais a preocupação linguística formal existia. Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm se estabeleceram nesse momento, pois se dedicaram a conhecer e pesquisar sobre os contextos dos contos para assim trazer o aprofundamento na linguística.

“ Em meio à imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil.” (COELHO, 2003, p.23)

A partir de suas pesquisas e obras escritas sobre as histórias orais, os Grimm publicaram o livro “Contos da Criança e do Lar”, no qual estão inseridas histórias muito conhecidas e disseminadas hoje, como Bela Adormecida no Bosque por exemplo. Depois de algumas edições buscando o aperfeiçoamento das histórias do livro, os irmãos mudaram seu objetivo literário, e trouxeram o público infantil para o centro de suas obras e trabalhos.

Dessa forma, a literatura infantil se consolida de acordo com a visão da sociedade e dos contistas sobre a infância e como ela está presente nas realidades do povo. Dessa nova visão surgem histórias e adaptações que passam a ser mais significativas para o mundo infantil. Os contistas da época intensificam seus trabalhos para produzir material que agora seria apreciado pelo público infantil.

Tanto em Grimm como em Perrault predomina a atmosfera de leveza, bom humor ou alegria, que neutraliza os dramas ou medos existentes na raiz de todos os contos. Daí essa literatura entender-se tão bem com o espírito das crianças. (COELHO, 1987, p. 75.)

Seguindo por uma vertente mais distante dos irmãos Grimm e de Perrault, e se aproximando mais do que imaginamos ao pensar em histórias inventadas, o contista Hans Christian Andersen buscou fontes para a criação de histórias em seu próprio imaginário, ou seja, suas histórias não retratavam a sociedade real. Trazendo para a literatura infantil a perspectiva da imaginação como fator principal. O autor compila contos nórdicos e também histórias como O patinho Feio e Soldadinho de Chumbo em suas obras e estudos.

2.2 Os Contos de Fadas no Brasil

Chegando as terras brasileiras, os contos infantis se estabeleceram na vida das crianças por meio das contações orais, retomando suas origens mitológicas, folclóricas e com um toque indígena. Apesar de sofrerem modificações de acordo com o local, o público alvo, o governo, entre outros, os contos, no Brasil, se resumiam a traduções e adaptações das histórias europeias anteriormente escritas. Na segunda metade do século XIX, foram publicados os primeiros livros de literatura voltada para o público infantil brasileiro.

Nesse contexto, o aspecto cultural brasileiro não era tão levado em consideração no uso dos contos de fadas, a cultura de origem dos contos era fortemente mantida nas adaptações. Existem sim milhares de histórias brasileiras,

porém essas histórias muito se mantêm na tradição oral, não fazendo parte das adaptações para livros de contos.

[...] em certas regiões do Brasil, há a presença ainda viva do contador tradicional que com um repertório próprio pratica sua arte e transmite seu saber. Este contador, merece, sem dúvida, ser não somente estudado, mas ter o seu repertório coletado e conservado. A diversidade e heterogeneidade do nosso patrimônio pedem com urgência um trabalho de coleta, de catalogação e caracterização dos contos da tradição oral e de suas versões ainda tão vivas no Brasil. (PATRINI, 2005, p.209)

Um importante representante da literatura infantil brasileira e também coletor de muitos dos contos das tradições orais foi o folclorista Luís da Câmara Cascudo. Seu trabalho era realizado com contadores de histórias de vários lugares do Brasil (grande número do Nordeste) recolhendo contos para sua obra. Em seu livro "Contos Tradicionais do Brasil", publicado em 1946, são recolhidas variações de contos de diversas origens, portuguesa, espanhola e francesa. Incluindo alguns contos já trazidos anteriormente pelos Grimm e por Perrault, como o conto Bela Adormecida, que em sua adaptação brasileira recebeu o título A Princesa do Sono Sem Fim.

Em muitas de suas narrativas, Cascudo não se mantém atento ao uso das regras gramaticais da escrita, como faziam os outros contistas famosos até então, por considerar a necessidade de trazer os contos da mesma forma com que eram contados oralmente. Nesse momento, a cultura brasileira foi representada por Cascudo em sua forma mais pura, mantendo na escrita dos contos sotaques, modos de falar, entre outras variantes. Em seus contos, é possível perceber diversos elementos indígenas e africanos, como por exemplo, na história O Marido da Mãe D'água.

José Bento Renato Monteiro Lobato, ou apenas Monteiro Lobato, também ocupa um lugar de destaque na criação e tradição dos contos no Brasil. De todas as suas obras 34 foram destinadas a literatura infantil, uma mistura entre fábulas e contos. Uma das primeiras histórias criadas por Monteiro foi "Narizinho Arrebitado" em 1921, história essa marcou a literatura infantil no Brasil como um todo. Sua fama nesse gênero se deu muito ao fato de escrever buscando agradar e motivar o público infantil, e não os adultos, como era feito anteriormente.

Era uma fase de grande entusiasmo. Monteiro Lobato esquecia-se inclusive das restrições que opusera a alguns clássicos da literatura infantil traduzidos para o Brasil. Resolvera entrar pelo caminho certo: livros para crianças. " De escrever para marmanjos já

me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo". (ARROYO, 1968, p. 250)

Diferente das obras trazidas da Europa, os cenários das histórias de Monteiro eram inspirados nas paisagens brasileiras e que ocupavam a realidade de muitas crianças e famílias. Não castelos e tampouco palácios, para Monteiro, os sítios, fazendas, chácaras e cidades pequenas eram palco para as aventuras dos mais diversos personagens. Além disso, os personagens dessas histórias fogem do comum, animais ocupam papéis tão importantes como os seres humanos. Essa mistura enriquece e evidencia a mescla já existente nos contos por fugirem da realidade.

É com este autor que se rompe (ou melhor, começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, constrói Monteiro Lobato uma realidade ficcional o que ocorre pela invenção do Sítio do Pica Pau Amarelo. (ZILBERMAM, 1981, p. 48)

Apesar de possuir um lugar de destaque, e com razão, no que diz respeito a literatura infantil. Hoje já é conhecido que Monteiro viveu e compactuou com movimentos racistas como a Sociedade Eugênica de São Paulo, que acreditava na existência de qualidades raciais inatas. Tais convicções pessoais foram expressas em suas obras, os personagens negros que possuem um laço estritamente serviçal com os outros, em Sítio do Pica Pau Amarelo, são exemplos desse racismo científico do autor.

A importância de Monteiro na literatura infantil brasileira jamais pode ser repensada, mas pensar suas obras, rever preconceitos nelas contidos e lutar contra eles de forma pedagógica e científica são ferramentas que não podem ser esquecidas. Um ótimo autor, que impulsionou de forma grandíssima a literatura infantil também pode ser refutado ao fazermos usos de suas obras com as crianças, com essa visão, pensamentos racistas deixam de ser perpetuados nas mentes leitoras.

Atualmente a produção de literatura infantil se constitui como uma prática valorizada e admirada por crianças e também adultos. Além dos recursos orais e escritos, hoje contamos com ilustrações, filmes animados e outros elementos que enriquecem os contos e os tornam ainda mais chamativos ao público infantil.

“Em nossos dias, a produção literária destinada às crianças e jovens continua em franca expansão. Escritores, escritoras, artistas plásticos,

designers multiplicam suas invenções, cujo espaço começa a ser magicamente ampliado pela magia eletrônica e dos computadores.”
(COELHO, 2000, p.134)

Dessa maneira, as histórias fantásticas atuais também esperam por maior visibilidade no mundo infantil. Além dos contos clássicos, que muito colaboram com a infância, as narrativas modernas podem impulsionar o imaginário infantil ao ponto que mesclam o mundo fantástico com as novas tecnologias e invenções presentes no cotidiano de muitas crianças.

3.CARACTERIZAÇÃO E ESTEREÓTIPOS NOS CONTOS DE FADAS

Com o amplo uso dos contos, diversos autores e pesquisadores se colocaram a estudar seus diferentes significados e interpretações. Isso foi fundamental para que hoje a ligação entre a infância e os contos de fadas pudesse ter um sentido mais amplo. Além de estarem presente no dia a dia de boa parte das crianças e adultos, os contos de fadas podem influenciar, independente da fase da vida, em suas personalidades e valores. Bruno Bettelheim traz essa perspectiva interpretativa de um ponto de vista psicanalítico e faz de forma clara essa ligação entre as histórias imaginadas e o imaginário infantil.

Os contos de fadas retratam a época em que foram escritos. Ainda hoje, os contos clássicos são amplamente conhecidos e amados por professores, crianças e familiares. Por trazerem traços da sociedade, os contos estão cheios de estereótipos e caracterizações padronizadas que, de forma indireta, perpetuam preconceitos e ideias prejudiciais a valorização do ser humano como indivíduo cheio de ricas diferenças. A luta por um mundo sem preconceitos e visões padronizadas também abrange o território dos contos de fadas ao ponto que podem ser usados como ferramentas nessa batalha.

3.1 Contos em uma perspectiva interpretativa

O uso da literatura durante a infância permite o desenvolvimento da criança em diversas áreas, como por exemplo, o cognitivo. O contato com histórias diferentes e realidades diversas faz com que a criança amplie seu entendimento de mundo e se coloque nele de uma maneira única (CEOLHO, 2000). Os principais objetos de aproximação das crianças com histórias diferentes são os contos de fadas, essas narrativas são amplamente conhecidas e divulgadas por diferentes meios de comunicação, fazendo se presente no cotidiano de várias famílias.

A vida humana é carregada de desejos e ambições que estão presentes em nossa realidade desde muito cedo. Também logo no início da vida, a necessidade de

lidar com frustrações nos é apresentada. Para conviver com os desejos e as frustrações sobre eles, a imaginação é uma arma que se faz presente, ao ponto que permite que o imaginado seja diferente do real, trazendo conforto ao ângulo. Os contos de fadas evidenciam as realidades sendo mudadas de uma maneira simples e prática, ou seja, são elementos que trazem à mente uma percepção mutável da vida.

Paralelamente ao domínio progressivo do homem sobre o mundo exterior, desenvolve-se uma evolução de sua concepção de Universo, que vai afastando-se cada vez mais da fé primitiva na onipotência e se eleva, desde a fase animista até a científica, através da religiosa. Neste conjunto entram o mito, a religião e a moralidade, como tentativas de conseguir uma compreensão da inatingível satisfação de desejos. (FREUD, 1981, p.1864, tradução própria)

O hábito da leitura não é algo concreto que possui fim em si mesmo, é um processo constante. De acordo com Farias e Rubio (2012), todos os elementos verbais apresentados as crianças, como músicas infantis e histórias fantásticas são levados em consideração no conhecimento das diversas narrativas. A preocupação com a leitura não é comum em todas as realidades, boa parte das crianças obtém contato real com a história apenas no ambiente escolar. Cabe então ao professor buscar uma literatura que se encaixe ao desejo da crianças, motivando-a a se interessar por ser um leitor.

“Na maioria dos casos, a escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer.” (MIGUEZ, 2000, p.28)

Fazer com que a leitura se torne um hábito prazeroso e passe de uma obrigação social, é fazer com que a criança se sinta parte daquilo que lê desde o primeiro momento. A motivação faz com que a leitura infantil seja rica e divertida, e nesse olhar a preocupação com a gramática não ocupa o lugar principal, permitindo que a leitura seja significativa até para as crianças mais pequenas (COSSON, 2006).

“A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida.” (BETTELHEIM, 2018, p.11)

Nesse sentido, os contos de fadas são utilizados na Educação Infantil com o objetivo de introduzir a criança ao texto literário, mas é papel da criança estar relacionada com o texto de maneira livre e prazerosa. Para que a criança se sinta

como parte do momento da leitura ou contação de história, ela deve conviver com a motivação desde o início de seu processo de desenvolvimento.

“Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (BETTELHEIM, 2018, p. 13).

Os contos de fada conversam, desde sua criação, com a presença de um maniqueísmo em seus enredos. A ideia de que as relações humanas são divididas em lados opostos, como o bem e o mal, está incluída nos contextos dos contos. O contato da criança com essa dicotomia logo na infância permite que ela crie uma consciência de valores que facilitará sua vida social, que é regida por normas e leis. A construção de uma ideia de ética infantil não é prejudicial a criança, pois o maniqueísmo presente nos contos de fadas se dá de uma maneira simbólica, ou seja, uma linguagem que conversa bem com o imaginário infantil.

“A apresentação das polarizações de caráter permite à criança compreender facilmente a diferença entre ambas, o que ela não poderia fazer tão prontamente se as personagens fossem retratadas de modo mais semelhante à vida, com todas as complexidades que caracterizam as pessoas reais.” (BETTELHEIM, 2018, p. 17)

Dessa forma, a criança consegue classificar melhor os valores retratados nos contos justamente por estabelecerem personagens que retratam especificamente uma característica, como o bem ou o mal. No mundo real, as pessoas não possuem em suas personalidades apenas uma característica evidenciada, mas vários valores que a formam. Essa mescla pode dificultar para a criança o entendimento de valores essenciais para sua formação pessoal.

A sociedade atual tem a ideia que se a criança não estiver em contato com o mal, a frustração e outros sentimentos considerados ruins ela viverá plenamente e não terá nenhum trauma ou medo. Navegando por outros mares, a perspectiva da psicanálise sobre os contos de fadas propõe que a criança tenha contato com situações trágicas, situações de medo pois são essas situações que impulsionam a criação dos sentimento de coragem, perseverança, entre outros. Esse contato por meio dos contos de fadas possui ainda um elemento que convida as crianças diretamente pela sua natureza, a aventura, o mistério.

“Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta.”
(ABRAMOVICH, 1997, p.37)

A ligação estabelecida entre os contos de fadas e o imaginário infantil traz para a criança um conhecimento sobre si, ou seja, traz à sua mente a concepção do que é real ou não, do que ela pode realizar e do que é possível apenas no mundo literário (FORTUNA, 2005). A felicidade, o perdão, a vergonha e o arrependimento são temas que estão presentes em muitas histórias fantásticas de forma lúdica e introduzem valores importantes à vida infantil, e também ajudam as crianças a criar soluções para seus anseios.

A presença de um herói que luta contra o mal nos contos de fadas é uma forma de trazer para a realidade das crianças a ideia de moralidade. Na maioria dos casos o mal é derrotado e o bem vence, tal premissa não tem a intenção de fazer com que a criança pense que nas situações reais o mal não existe, ou não tem força. O que se tem por objetivo ao utilizar essa premissa é fazer com que as crianças busquem a identificação pela persistência, mesmo que cercada de lutas frequentes.

“Se qualquer um desses vários passos que a criança está dando ao crescer pudesse ser visto isoladamente, poder-se-ia dizer que a capacidade de tecer fantasias para além do presente é a nova aquisição que torna possível as demais – porque torna suportáveis as frustrações experimentadas na realidade.” (BETTELHEIM, 2018, p. 180)

Ao ponto que a criança é colocada num lugar de sujeito, fazendo uso dos contos de fadas, ela pode conhecer mais sobre sua mente e entender melhor seus desejos e aflições. De acordo com Bettelheim, *“estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes”* (BETTELHEIM, 2018, p.13).

Os contos de fadas possuem grande importância para o imaginário infantil, são impulsionadores de criatividade e perpassam por todas as fases do desenvolvimento. Com o uso dos contos de fadas as crianças são transportadas a diferentes realidades e situações que enchem a imaginação, permitindo que a criança possua diversos elementos a serem utilizados na formação de sua própria personalidade e também ajudam na resolução de seus conflitos internos.

3.2 Contos de fadas e estereótipos

As características do ser humano são observadas desde o início de sua vida, sejam elas físicas, emocionais, sociais. Ao longo de sua trajetória essas características vão sendo cada vez mais usadas como elemento para a definição de caráter. Os estereótipos estão enraizados no mundo atual de maneira que pensar fora deles é um desafio constante. A visão fixa e geral proposta pelos estereótipos fazem parte da vida humana a todo momento, significando uma imagem que não é realmente vista.

o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação, que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 2013, p. 130)

Os contos de fadas são histórias fantásticas cuja caracterização do personagem ocupa lugar principal na trama e no desenrolar da história. A beleza é algo que predomina nos contos de fadas, ela é reafirmada a todo tempo. Nas histórias de princesas, mais do que os valores e virtudes são observados e levados em conta a cor do cabelo, da pele, dos olhos, entre outros. Essa valorização do estético pode reforçar as ideias estabelecidas pelos padrões estereotipados.

Com isto, pode acabar por reforçar um estereótipo em detrimento de outras características, desrespeitando às diferenças existentes entre as pessoas e, assim, institucionaliza-se um ideal perseguido até hoje. Por isso, faz-se importante e necessário, mesmo na educação infantil, uma discussão à respeito da diversidade que constitui a nossa sociedade, sem com isso acabar com a possibilidade de fantasiar, proporcionada pelos Contos de fadas. (SORIANO, 2019, p. 64)

Os contos clássicos foram escritos numa época diferente da atual, em um local diferente, as adaptações foram feitas ao chegarem no Brasil mas isso não impede que continuem sendo feitas mudanças no discurso e na contação dessas histórias que tragam ao imaginário infantil o conhecimento sobre a existência de outras características diferentes das estabelecidas nos contos clássicos.

As histórias originais e adaptadas ainda na Europa possuem personagens, em sua maioria, de pele clara, pois é a realidade do povo local. As crianças brasileiras não vivem essa realidade, e por vezes não conseguem encontrar referência nos

contos clássicos. A pouca personificação dos negros nas histórias fantásticas impede que a prática de se identificar com o personagens seja igualitária para todas as crianças.

Nas histórias a quais nos referimos, é notória a total ausência da figura do negro, ou seja, a raça negra é constantemente negada não pela presença de estereótipos negativos, mas pela constante afirmação do ideal de raça branca. Assim sendo, o processo de construção da identidade da criança negra, se dá sem a referência cultural e, principalmente, corporal de sua raça. (PERES, MARINHEIRO E MOURA, 2012, p. 9).

As crianças buscam se identificar na maioria das vezes, não pela boa índole do personagem, mas sim por possuir características parecidas com suas próprias (Nólio, 2015). Nos contos clássicos o mal é remetido, em alguns casos, as coisas escuras, personagens, sejam eles humanos ou não, de cor mais escura, traços imperfeitos. Tais situações precisam ser trabalhadas com as crianças em debates que enriqueçam a construção do campo social e afetivo para que assim a discriminação, muitas vezes incentivada pelos contos, possa ser vencida pelas crianças.

O papel feminino nas histórias fantásticas também é algo digno de desconstrução com as crianças. As atividades exercidas por mulheres nesses contextos podem limitar o imaginário das crianças na formação de sua própria identidade e na escolha por suas preferências. Tal afirmativa não significa que essas histórias não devam ser apresentadas para os pequenos, pelo contrário, mostra que a partir desses estereótipos presentes nos contos é possível trabalhar o imaginário infantil para alcançar uma realidade livre de rótulos.

Os contos são extremamente importantes no desenvolvimento infantil e para o imaginário das crianças. Dessa forma, não devem ser abolidos dos espaços de aprendizagem, mas sim explorados de maneira mais completa. Ao trabalhar com as histórias fantásticas o educador não sabe ao certo como aquilo atingirá o imaginário infantil, mas pode inserir questões a serem discutidas e pensadas sobre os estereótipos ali presentes.

Abordar questões de gênero, de raça, de classe social e de sexualidade pode trazer aos contos de fadas uma abordagem mais rica no que diz respeito à criação dos valores infantis. Esses debates precisam evidenciar o sofrimento existente, como o da mulher negra por exemplo, para que a reflexão se baseie no seguinte princípio: “Se

foram socialmente construídas, podem ser, também, socialmente destruídas, com vistas à instauração da verdadeira Democracia” (SAFFIOTI, 1987, p.117).

4. METODOLOGIA

Para a elaboração metodológica do trabalho em pauta, optamos por uma pesquisa de caráter qualitativo com abordagem interpretativa, a fim de aprofundarmos o debate sobre os contos de fadas na Educação Infantil. As leituras foram feitas de maneira reflexiva e analítica. O objetivo do estudo foi trazer aos olhos dos leitores a importância dos contos de fadas para a infância e ao mesmo tempo questionar estereótipos e ideais expressos nessas histórias e de que forma elas podem contribuir para a formação da criança.

Para o desenvolvimento do tema foram feitas leituras de autores com trabalhos voltados para temas como, contos de fadas, educação infantil, letramento literário e estereótipos contidos nas histórias fantásticas. O trabalho teve como perspectiva a obra de Bruno Bettelheim, “A Psicanálise dos Contos de Fadas” e a abordagem interpretativa sobre os estereótipos sociais.

Também foram analisados quatro contos de fadas que são amplamente conhecidos a fim de materializar a discussão sobre os estereótipos, conceito baseado em “O estigma” de Ervin Goffman (1980), e ideais contidos nos contos, seja eles sociais, físicos ou raciais. As narrativas foram escolhidas de acordo com o conhecimento popular das crianças e também as diferentes histórias e contextos. Em alguns dos contos foram analisadas versões originais que são passadas até o presente momento, já com outras histórias a versão mais amplamente conhecida pelas crianças foi escolhida. Outro objetivo foi trazer um conto de cada um dos principais autores na criação dos contos de fadas e Literatura Infantil. Além desses fatores, a decisão pelo último conto foi baseada na busca e necessidade de uma história que trouxesse uma protagonista preta e toda sua cultura.

A história de Branca de Neve é amplamente conhecida por crianças de todo o mundo. As discussões que podem, e devem, ser feitas sobre padrões de beleza, presença masculina e matrimônio foram decisivos na escolha para análise. Além disso, também é um conto que está presente em diferentes níveis de comercialização. Branca de Neve é uma personagem que estampa roupas, camisetas, acessórios e fantasias feitos para as crianças.

A Pequena Sereia é um conto que teve, ao longo de sua fama, diferentes versões. A possibilidade de relacionar os estereótipos de beleza, e outros, nessas várias facetas do mesmo enredo influenciou na decisão pela escolha desse conto específico. A presença de uma personagem não humana e totalmente fictícia é, também, um dos pontos que trouxeram esse conto a esse trabalho.

Cinderela é um conto que traz a rivalidade feminina, entre familiares, como um de seus temas principais. O padrão estético e o suposto papel da mulher é bastante reforçado por essa narrativa, daí vem a escolha por esse enredo. Perrault, nessa história, reforça padrões que quando discutidos com as crianças podem ter um importante papel no processo de valorização da mulher.

Os critérios de escolha dos textos lidos e analisados para a confecção do trabalho aqui exposto visaram tratar de textos e autores que abordassem de forma pedagógica, em diferentes perspectivas, a formação da criança, a importância dos contos para a infância, o letramento literário na infância, entre outros.

5. ANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas trazem com suas histórias milhares de conceitos e costumes que serão apresentados às crianças. Tais ensinamentos podem, por vezes, perpetuar estereótipos e preconceitos que tanto fazem mal a sociedade atual. Aqui, alguns dos contos de fadas mais populares e amplamente conhecidos por crianças, jovens e adultos serão analisados a fim de apresentar essas ideias que podem passar despercebidas.

Apresentando primeiramente um breve resumo da história, os contos serão analisados a fim de trazer estereótipos físicos e sociais presentes em seus enredos e personagens. Dessa maneira, os leitores poderão entender de fato o que pode estar por trás dessas histórias inventadas e o que elas podem representar de um ponto de vista social e estético.

5.1 Branca de Neve – Irmãos Grimm

O conto de fadas intitulado “Branca de Neve” foi publicado pelos Irmãos Grimm em um livro que continha outros contos e fábulas, chamado “Contos de Fada para Crianças e Adultos”, em sua primeira edição, por volta de 1812.

A história possui diversas versões espalhadas por todo o mundo. A mais conhecida se inicia em um forte inverno no qual os flocos de neve caindo por toda parte chamaram a atenção de uma rainha muito poderosa, que, olhando pela janela feita de ébano negro, espetou seu dedo e dele caíram três gotas de sangue. A rainha então, encantada por todo aquele contraste de cores fortes, desejou que sua filha possuísse as características observadas por ela naquele momento. Uma criança branca como a neve, vermelha como sangue e negra como o ébano.

Logo em seguida do nascimento de Branca de Neve a rainha faleceu, deixando a desejada criança aos cuidados do rei e de sua nova esposa. De pele branca como a neve, bochechas rosadas como o sangue e cabelos negros como ébano a princesa era uma das mais lindas crianças já vistas. A madrasta de Branca de Neve possuía uma imensa vaidade, e não suportava a ideia de que outra mulher fosse mais bela do que ela mesma. Para se certificar de possuir a mais deslumbrante beleza, a nova

rainha tinha um espelho mágico que sempre dizia, com sinceridade: “Tu, rainha, és a mais bela de todo o reino.”

Com o crescimento da pequena princesa e o despertar de sua preciosa beleza, a resposta do espelho mágico mudou, ao completar sete anos Branca de Neve era a mais bela de todo o reino, a nova resposta do espelho traz à madrasta uma fúria e inveja inexplicáveis. Aqui, nesse momento da história, temos diferentes versões para o mesmo acontecimento, a levada e abandono de Branca de Neve na floresta, por isso seguimos com a mais conhecida das versões.

Durante um passeio com Branca de Neve a rainha deixa cair uma de suas luvas e pede para que a princesa as busque, nesse momento a rainha diz para o cocheiro que se apresse e vá para direto para o castelo, abandonando a pequena Branca de Neve na floresta sombria.

Após abandonar a princesa, a rainha contrata um caçador e ordena que ele mate Branca de Neve e pede que ao finalizar o serviço traga o coração da garota como comprovação. Ao encontrar a menina na floresta, o caçador fica encantado com sua beleza, sentindo o seu medo, ele diz que não a matará e a alerta para que fique longe dos olhares da rainha. Aqui, a princesa é salva, pela primeira vez, pelo caçador.

Então, Branca de Neve se encontra sozinha na floresta, precisando buscar sobreviver sem nenhuma ajuda. Depois de muito andar, a princesa encontra um chalé na floresta, ela entra e supre suas necessidades de fome, sono e cansaço com o que encontra ali, sete camas de diferentes tamanhos, sete tigelas com comidas, entre outras coisas. Durante seu sono, chegam os sete anões que são os donos do chalé, e ficam deslumbrados com sua beleza decidindo não atrapalhar seu sono os irmãos esperam até o raiar do dia.

Na manhã seguinte, Branca de Neve conta sua história aos anões, que se compadecem e dizem que se ela mantivesse tudo em ordem, cozinhassem, lavasse, costurasse e fiasse para eles, ela poderia viver ali. Os irmãos precisando sair para trabalhar durante todo o dia, alertam a criança para que tome cuidado e não abra a porta para ninguém pois a rainha logo descobrirá que ela continuar viva.

Com a ajuda do espelho mágico, a rainha descobre o esconderijo de sua enteada e se disfarça para ir atrás dela. Chegando ao chalé como uma vendedora de louças e acessórios, a madrasta bate à porta e ao ver a pobre garota diz que seu espartilho está muito solto, oferecendo ajuda ela o aperta até que Branca de Neve não consiga

respirar e cai como morta. Ao chegarem e verem a linda garota caída no chão os anões correm e logo cortam as fitas de seu espartilho fazendo-a despertar.

No outro dia, os irmãos alertam a princesa para que não abra a porta para ninguém. Durante o dia, a rainha má vai novamente ao chalé em busca de Branca de Neve e a oferece uma maçã, a garota fica receosa em aceitar, mas ao ver que a velha senhora come uma parte, aceita o bom presente e ao levar a maçã aos lábios desmaia inconsciente. Dessa vez, a madrasta envenenou Branca de Neve e ao voltar para o espelho mágico a rainha fica feliz em saber que ela, novamente, é a mais bela de todo o reino.

Ao chegarem de noite, os anões encontram a garota e lamentam por sua morte. Eles decidem construir um caixão de vidro para que sua beleza seja eterna e a colocam no caixão no meio da floresta. Um dia, um príncipe aparece e fica encantando com a beleza dessa moça, os anões permitem que ele abra o caixão e observe melhor. Ao levantar a cabeça de Branca de Neve o pedaço de maçã, que ainda estava em sua boca, cai e ela retoma sua consciência. O príncipe a explica o que houve e ela grata por ter sido salva, pela segunda vez, aceita casar com ele e viver em outro reino pois o ama infinitamente.

Logo no início do conto a rivalidade feminina se mostra presente com a inveja e obsessão por beleza que a madrasta possui. Durante seu crescimento, Branca de Neve se torna alvo, se torna uma inimiga da rainha por ter uma beleza considerada maior que a dela. Aqui, lidamos com duas lutas frequentemente enfrentadas na sociedade atual, a rivalidade feminina e o padrão de beleza existente.

O que faz Branca de Neve ser mais bonita que a rainha são suas características, desejadas antes do nascer por sua própria mãe. A princesa é uma personagem branca, de cabelos lisos e bochechas coradas, características que são exaltadas durante toda a história. A ausência de uma discussão sobre esse padrão de beleza pode ser prejudicial na formação de crianças que ainda crescem em uma sociedade machista. A falta de uma figura negra no conto pode ser prejudicial, pois impede que o público infantil, como um todo, se sinta acolhido e representado por essa história.

A competição existente entre a rainha e a Branca de Neve se torna real a partir do momento em que a princesa cresce e passa a ser vista como uma “ameaça” para a madrasta. Essa competição envolve perder o posto de mulher mais bonita do reino e, também, o apreço do pai da princesa. A necessidade de confirmação do que é belo

acompanhado da superioridade nessa beleza são apresentados por meio do objeto da rainha, o espelho mágico.

“Está só se transforma na “típica” madrasta de contos de fadas depois que Branca de Neve faz sete anos e começa a amadurecer. Então a madrasta começa a se sentir ameaçada por Branca de Neve e se torna ciumenta.” (BETTELHEIM, 2018, p. 282)

Toda a trama se desenvolve a partir da rivalidade da rainha. A inveja e necessidade de se sentir a mais bonita a leva a desejar a morte da garota. Tal cenário é comum na realidade vivida por mulheres e garotas, a competição por beleza está enraizada em nossa sociedade, a comparação rege a rivalidade na qual o objetivo é querer sempre ser a melhor ou, no mínimo, impedir que outra seja (Zanello, 2018). A necessidade de se sentir desejada pelo outro supera as relações de afeto entre as mulheres.

“Um desdobramento importante é que as mulheres se subjetivam na relação umas com as outras por meio da rivalidade. Se trata-se de “ser escolhida”, quero ser o objeto mais brilhante, mais reluzente, ou apagar o brilho alheio.” (Zanello, 2018, p.89)

Desde sempre as mulheres são ensinadas a serem inimigas uma das outras, ser mais, buscar ser melhor para agradar, não a si mesmas, mas para obter aprovação externa. Porém, “nenhum fator biológico nos torna menos capaz que os homens de ser amigas, mas ouvir e acreditar nisso a vida toda, sim.” (SOUZA, 2016, p. 53). Lutar contra a rivalidade feminina é trazer à tona uma discussão sempre que esse for o tema principal em alguma história, como em Branca de Neve, no qual a violência contra a personagem feminina parte de uma outra, única, personagem feminina.

A própria mulher, às vezes, não “valoriza” outra mulher. A luta feminista também é para que isso se efetive, ou seja, há a tentativa pelo coletivo de romper com uma forma de violência contra a mulher praticada pela própria mulher, por não ter consciência de suas relações de companheirismo com a outra (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 1003).

O companheirismo feminino não aparece em nenhum momento do conto, que traz, em todas as outras ocasiões, personagens masculinos como figuras de cuidado, de aconchego e de heroísmo. A necessidade por uma figura masculina se faz tão presente na história que nos dois momentos em que Branca de Neve é “salva” ela se mostra infinitamente grata, mesmo que não conheça os personagens anteriormente.

O caçador, enviado para matar a princesa, se surpreende pela beleza dela e decide não a matar, onde a personagem é de certa forma recompensada por possuir

uma beleza que agrada a visão de quem possui poder, os homens. Aqui, temos pela primeira vez a figura masculina sendo digna de aplausos por ter salvado a garota, no caso, escolhido não a matar.

Outro ponto ressaltado na história de Branca de Neve é a caracterização de um homem protetor. O caçador é retratado como um homem alto, forte e com boa aparência. O homem é incansavelmente retratado com alguém que tem controle sobre a situação perigosa pela qual a moça indefesa está passando.

“Daí que o caçador nos contos não seja um personagem que mata criaturas amistosas, mas sim uma que domina, controla e subjuga animais selvagens e ferozes. Num nível mais profundo, ele representa a subjugação das tendências animais, antissociais, violentas no homem”. (BETTELHEIM, 2018, p.286)

Após ter sido liberta da morte pelo caçador, a garota encontra os irmãos anões, novamente figuras masculinas, que aceitam que ela fique sob seus cuidados desde que possa os servir, limpando, cozinhando, costurando e etc. Branca de Neve (figura feminina frágil) pode ter uma casa, comida e alguém para cuidar dela (figura masculina protetora) se fizer tudo que uma mulher, de acordo com a sociedade patriarcal, precisa fazer. Essa troca proposta pelos anões não passa de uma reafirmação do papel da mulher estabelecido pelos homens, que se intitulam os sujeitos do contexto.

Só tinha representação no espaço da vida doméstica, onde exercita, inteiramente devotada, a função de mãe e esposa, sem direitos, desejos e vontades. O que significa uma vida completamente subsumida a uma ordem familiar hierarquizada, onde o homem é chefe e donatário daquele território.” (RUBIM, 2001, p.8)

Sendo enganada pela madrasta, Branca é envenenada e cai em sono profundo. Depois de ficar alguns dias guardada em um caixão de vidro, para que sua beleza ainda pudesse ser vista, um príncipe passa por ali e encantado com a princesa, pede permissão para que os anões o deixem vê-la melhor. A ideia de que o corpo da mulher pode ser tocado mediante a permissão de outro homem é algo totalmente pertencente a uma sociedade machista, liderada por homens que possuem a noção de que a mulher não passa de um objeto, e por isso a exaltação da beleza.

Ao abrir o caixão e levantar a garota, o pedaço de maçã, ainda em sua boca, cai no chão, fazendo com que a princesa retome seus sentidos acordando de seu sono envenenado. Após ouvir o que aconteceu, Branca de Neve se sente eternamente

grata ao príncipe por tê-la “salvado” e se casa com ele. Novamente, a garota frágil e solitária necessita de uma figura masculina para se sentir feliz.

O que é possível notar com o desfecho do conto é que mesmo depois de tudo que enfrentou e passou, a felicidade completa da personagem feminina só é possível depois de se casar, mesmo que com um completo desconhecido. O final feliz é um dos pontos fortes dos contos de fadas, são eles que trazem, para a criança, a segurança de que apesar de todas lutas e dificuldades, tudo acaba bem no fim (BETTELHEIM, 2018). O matrimônio como final feliz de praticamente todos os contos de fadas que apresentam princesas e príncipes em seus enredos transmite a ideia de que essa é única resolução possível para as dificuldades enfrentadas, principalmente para as mulheres.

Além de trazer o matrimônio como ponto chave dos finais felizes os contos de fadas deixam de lado a confirmação por parte das protagonistas em relação ao pedido de casamento. Observando as histórias é possível notar que o casamento acontece sem que os personagens se conheçam profundamente a ponto de tomarem essa decisão, como se por terem sido salvas o casamento seja uma espécie de pagamento para a figura masculina.

“Em cada uma dessas histórias – tal como em muitas outras -, o resgatador demonstra de alguma forma seu amor pela futura noiva. Ficamos, porém, no escuro quanto ao sentimento das heroínas.”
(BETTELHEIM, 2018, p. 381)

Ao observar a escrita e história dos contos de fadas, tal como Branca de Neve, é necessário considerar que foram escritos em uma época em que os papéis de gênero, as desigualdades raciais e outros fatores sociais eram vistos e tratados com normalidade, ou seja, de uma maneira diferente da que vivemos hoje em dia.

O conto que traz a história da Branca de Neve pode, dependendo de como for utilizado, trazer e perpetuar alguns estereótipos que prejudicam a valorização da pessoa como ser diferente e individual. A rivalidade feminina é um dos pontos principais da história e a ideia de que as mulheres não são amigas, mas sim competidoras já é uma realidade que influencia o dia a dia das garotas. A relação entre a Rainha Má e a Branca de Neve é uma relação que reforça essa ideia de competição e falta de afeto entre as mulheres.

A aparência da princesa, nesse conto, está dentro de um padrão específico do que é, ou já foi, considerado como corpo bonito. O corpo magro, a pele clara, o cabelo

liso e as bochechas rosadas se encaixam em um padrão estético que na maioria das vezes serve apenas para pressionar e excluir mulheres do processo de aceitação do seu próprio corpo. A beleza aqui retratada deixa mais forte o estereótipo já existente de que para ser bonita, suas características físicas devem se encaixar em um padrão criado por homens.

O machismo, presente em muitos contos de fadas, deixa sua marca na história nos momentos em que a luta de Branca de Neve e todas as dificuldades que passou sempre são diminuídas pela presença de uma maior figura protetora, no caso, os homens. O posto de herói e salvador sempre está sobre uma figura masculina, caçador, anões ou príncipe. A ideia de que a mulher precisa de um homem para conseguir viver e ser salva é fortemente idealizada nesse conto, a prova disso é que os problemas de Branca de Neve desaparecem no momento em que ela se casa com o príncipe.

Ao utilizar os contos como instrumentos de ludicidade, de escrita e leitura ou qualquer que seja o seu objetivo em sala de aula, o educador deve se atentar aos enredos, diálogos e personagens para que os costumes antigos, desigualdades raciais, sociais e de gênero não sejam perpetuados na mente das crianças.

5.2 A Pequena Sereia – Hans Christian Andersen

O conto intitulado “A Pequena Sereia”, escrito pelo escritor e poeta dinamarquês Hans Christian Andersen foi publicado, na sua versão, em 1837. Assim como a maioria dos contos de fadas amplamente conhecidos pelo mundo, o conto de Andersen possui inúmeras adaptações, contando com filmes, séries, entre outros veículos de comunicação. Aqui, a versão a ser analisada será a mais utilizada no universo infantil, porém em alguns momentos o conto original se fará presente para maiores observações.

A Pequena Sereia está entre uma das personagens mais conhecidas pelas crianças de todo o mundo, um grande atrativo nessa história é a presença de seres que vivem no mar. O conto traz a história da princesa Ariel, filha mais nova do rei dos mares, mais conhecida como Pequena Sereia. A história se inicia com a tradição de que ao completarem 15 anos as princesas sereias ganham o presente de ir até a superfície e observar o mundo humano por um dia. Ao longo dos anos os relatos das irmãs mais velhas encham Ariel de curiosidade, que se sente cada vez mais empolgada para conhecer esse mundo secreto.

No seu aniversário de 15 anos, Ariel vai até a superfície e fica maravilhada em saber como as pessoas vivem, como andam em dois pés. No momento em que a princesa está observando o mundo humano, acontece uma terrível tempestade e ela se aproxima para ajudar. Um príncipe caiu no mar e Ariel o salvou levando de volta para praia, antes que ele despertasse, a pequena sereia, cantando com sua bela voz, nadou de volta para seu reino, apenas com as lembranças e o desejo de viver com o príncipe naquele mundo maravilhoso. Ao saber que Ariel tinha se apaixonado por um príncipe humano, o rei dos mares fica furioso e a proíbe de voltar a superfície novamente.

A pequena princesa caiu em profunda tristeza e após muito se lamentar, lembrou-se de Úrsula, a bruxa do mar. Decidida a pedir por duas pernas para viver como humana, Ariel vai até a bruxa, que decide ajudar a sereia, mas pede uma coisa em troca, sua bela voz. Úrsula deixa os termos de sua troca bem claros, Ariel não terá mais sua voz e terá que fazer com que o príncipe também se apaixone por ela em até três dias, caso contrário voltará a ser sereia e trabalhará para a bruxa para sempre.

Aqui, existe uma grande diferença entre o conto popularmente conhecido e o conto original de Andersen. Ao procurar a bruxa do mar Ariel está em busca de pernas e também de uma alma humana, pois as sereias ao morrerem viram espuma do mar e somem com o tempo, já a alma humana continua existindo após a morte. A bruxa pede a mesma coisa em troca, a voz de Ariel e a oferece uma poção para que a cauda se transforme em pernas. Os termos aqui são diferentes, ao tomar a poção a pequena sereia sentirá uma enorme dor e a cada vez que andar sobre suas penas, sentirá que mil facas as cortam e fazem sangrar. Além disso, a alma humana só seria dada a princesa sereia, se ela conseguisse um beijo de amor verdadeiro do príncipe, caso contrário, se o príncipe se casasse com outra mulher Ariel morreria com o coração despedaçado e se tornaria, instantaneamente, espuma do mar.

Após a troca, Ariel acorda na praia com seu lindo par de pernas e logo se encontra com o príncipe que tinha salvado anteriormente, Erick. Apesar de não conseguir explicar sua história para o príncipe, Ariel conseguiu ir com ele até o palácio, pois ele fez dela, uma amiga. Erick sentia que ela era a sereia que o tinha salvado da tempestade.

Úrsula observava Ariel e seu amado príncipe por meio de sua bola de cristal, vendo a felicidade dos dois, pensou logo em como separá-los para que a pequena sereia tivesse as consequências de sua troca. A bruxa do mar se transformou em uma bela garota e usou a voz de Ariel para enganar o príncipe, que ao ouvir sua bela voz e se lembrar decidiu se casar com ela. A pequena sereia perderia o amor de sua vida e trabalharia para Úrsula por toda eternidade, ou como na história original, viraria espuma do mar.

Sabendo que o casamento aconteceria num barco ali no oceano, os seres amigos de Ariel buscam um plano para acabar com o casamento. A pequena sereia consegue chegar até o barco, durante uma briga, o colar em que a bruxa do mar guardava a voz da princesa se quebra fazendo com que a voz volte para Ariel. O príncipe agora reconhece que durante todo o tempo era ela quem o tinha salvado. A bruxa do mar é desmascarada e o feitiço é quebrado. Ariel vive feliz com o príncipe sem nenhuma dor e com sua voz de volta, pois ao ver o amor que Erick sentia por Ariel, o rei dos mares decidiu transformar a cauda de sua filha em pernas para que pudessem viver juntos para sempre.

O final da história também possui muitas divergências, no conto original ao saber que o príncipe se casará com outra mulher, Ariel fica desolada e apenas espera

por sua morte. Enquanto isso, suas irmãs mais velhas ficam sabendo do ocorrido e vão até a bruxa do mar, que as diz que se Ariel matar o príncipe com uma adaga de prata, o feitiço será desfeito e Ariel poderá voltar a ser sereia e viver com sua família. Em troca da adaga, a bruxa do mar pede os cabelos as sereias. As irmãs de Ariel vão até ela e a dizem o que fazer, porém, Ariel não consegue matar o príncipe pois o ama demais. A pequena sereia pula no mar, e se transforma em espuma do mar, mas diferente do que costuma acontecer com as sereias, Ariel não some com o tempo, vira um espírito do ar como recompensa por ter lutado tanto por uma alma humana.

Logo no início do conto, as filhas do rei são apresentadas como princesas de beleza inestimável e isso é um motivo de imenso orgulho para o Rei dos Mares. Na história popularmente conhecida, Ariel é branca, magra, com cabelos ruivos e levemente ondulados, no conto original, a única mudança na aparência da personagem é que os cabelos ao invés de ruivos, são loiros. O padrão estético é muito valorizado nesse enredo, assim como em muitos dos contos de fadas, para Bettelheim (2018) “Os resgatadores se apaixonam por essas heroínas devido a sua beleza, que simboliza a sua perfeição.”

Novamente o padrão de beleza contido e disseminado pelos contos de fadas é bem específico e exclui toda e qualquer outra forma de beleza. Segundo Bettelheim (2018) “*Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança*” tal afirmação traz a necessidade da identificação da criança com o personagem principal para que a perspectiva moral do uso dos contos de fato aconteça. As crianças negras, asiáticas, gordas e que fogem do padrão apresentado nos contos também precisam se identificar, mas isso não acontece devido à falta de visibilidade que essas pessoas têm e sempre tiveram na sociedade. O padrão de beleza precisa ser discutido com as crianças para que todas elas possam se sentir representadas em uma história que tanto pode ter a ensinar.

“Princesas são todas brancas disse-lhe alguém ao seu pai e mandou tomar banho de cal pra ver se a cor preta sai. Mas isso não é verdade! Princesas são da cor que quer Amarelas, brancas, pretinhas, crianças, meninas, mulheres. O rei, que era bem preto, falou para sua princesa: “minha filha em nosso reino somos donos de nossa beleza e se alguém um dia disser da cor da sua pele preta Saiba que essa cor ficou linda em sua pele de princesa!”. (Marcelo Serralva)

Outro ponto reforçador de estereótipos presente na história da pequena sereia é a aparência da personagem que representa o mal. Como exposto nesse trabalho, a dualidade entre o bem e mal é de suma importância para o entendimento infantil, mas muitas vezes a maneira como essa dualidade é exposta pode reafirmar questões raciais e estéticas que precisam ser debatidas. Úrsula, a bruxa do mar, é um ser marinho, que tem por características principais ser gorda e feia, segundo o padrão de beleza usado no livro. Para se tornar bonita, a bruxa do mar faz um encanto para se parecer com a personagem principal, que se encaixa no padrão, branca, cabelos levemente ondulados e magras. Novamente, o conto traz a beleza como uma única forma padrão.

identifica como personagens “bons” e personagens “maus” fazendo uma relação entre belo e bondade e feio e maldade, por isso as princesas são sempre figuras femininas amáveis, enquanto que as vilãs, mulheres de pouca beleza e forma [...] a sua beleza que provoca sentimentos de inveja em uma outra mulher, no caso, na madrasta e em suas filhas. (LOBATO, SARMENTO, 2012, p. 32)

Os contos de fadas têm o poder de apresentar personagens que representam significativamente, para as crianças, a bondade e a maldade, e que mesmo num contexto de acontecimentos ruins, as pessoas que representam o bem podem mudar o rumo da história (BETTELHEIM, 2018). Dessa forma, a identificação das crianças com os personagens fictícios acontece não só num âmbito de valores, mas também ocorre uma identificação física. Na história de Ariel, os personagens bons fazem parte de um padrão inalcançável, tornando a identificação com o bem, algo distante para as crianças que ali não estão representadas. Isso se torna real ao perceber que o único personagem gordo em toda a trama, é representado por uma bruxa do mar que demonstra, explicitamente, a maldade.

A bruxa do mar, vilã do enredo, possui características marcantes que são apresentadas no conto em conjunto com seu papel e ações. Tais características são associadas e usadas no processo de identificação feito pelas crianças, ou seja, por vezes, a única personagem que apresenta um padrão estético que se encaixe no da criança é o monstro da história. Isso pode afetar as relações de aceitação do próprio corpo e também de reconhecimento do seu papel na sociedade.

Para Bettelheim (2018), o sentimento causado no leitor por conhecer o monstro da história é uma profunda angústia, como o de conhecer alguém que não possui nada de importante para oferecer, e de forma direta, ou indireta, é essa carga que é passada

para a criança que se vê representada unicamente pelo personagem que representa o mal. O processo de identificação da criança com o personagem acontece, muitas vezes, por meio das características físicas semelhantes. Os padrões físicos dos personagens influenciam fortemente nas ações deles no conto, ou seja, a identificação com a heroína, Ariel, só é feita, na maioria das vezes, por crianças que se assemelhem fisicamente a ela.

Essa identificação se torna simples demais, impedindo que todas as crianças, independentemente de suas características, possam se enxergar em situações, por exemplo, de força e coragem. Pois como exposto por Bettelheim (2018):

“O herói dos contos de fadas tem um corpo capaz de executar feitos miraculosos. Ao identificar-se com ele, qualquer criança pode compensar em fantasia e por meio da identificação todas as inadequações, reais ou imaginárias, de seu próprio corpo. (BETTELHEIM, 2018,p. 84).

Em “A Pequena Sereia” a figura masculina aparece de duas formas, como pai e como amante. Ariel, assim como em muitos outros contos, se apaixona por alguém que não conhece de fato e isso a leva a desistir de sua família, sua vida no mar e até mesmo parte de quem ela é, sua voz. A ideia de que o matrimônio é uma necessidade para a mulher é um dos maiores pontos da trama da sereia. A figura masculina do príncipe é tida como alvo maior para a felicidade da princesa.

Como percebido por Swain (2012), o processo de identificação de uma mulher, estabelecido num modelo patriarcal, só é alcançado no momento em que ela abre mão de si para se entregar ao amor por outro. No conto, a personagem feminina é constantemente diminuída para alcançar a figura masculina que deseja. Mesmo sabendo que vai sentir uma dor terrível, que seus pés sangrarão sempre que andar e que perderá sua voz para sempre, Ariel aceita tudo isso para pode ficar perto do príncipe e conquistar o seu amor.

Como já dito por Swain (2012), “O amor as atualiza na expressão identitária de ‘mulheres’: é sua razão de ser e viver. Elas estão dispostas ao sacrifício e ao esquecimento de si por ‘amor” (Swain, 2012, p.11). A sociedade transmite a ideia patriarcal de que a mulher só é completa quando encontra, em um homem, o amor da sua vida.

No final da história, o príncipe consegue “derrotar” a bruxa do mar e descobre que o tempo todo sua amiga era Ariel, aquela que o tinha salvado. Ao ver o amor dos

dois o pai da sereia entende que o melhor é permitir que ela viva o amor de sua vida como humana. Aqui temos, novamente, a necessidade de uma figura masculina para dizer o que princesa pode ou não fazer, mesmo depois de ela já ter enfrentado tudo sozinha, a confirmação final é sempre dada por um homem. Dessa forma, a história retrata diversos modelos e convenções criadas para dizer como, quando e o que as mulheres devem ou não fazer.

Na história de Ariel alguns estereótipos são reforçados. Aqui, o padrão de beleza é mostrado como algo que pode falar até mesmo sobre o caráter de uma pessoa. A personagens principais e suas irmãs são apresentadas como “moças de beleza inestimável” por se encaixarem no padrão de beleza amplamente conhecido, corpo magro, cabelos levemente ondulados e pele clara. O padrão estético é reforçado ainda mais quando temos também a personagem vilã, a Bruxa do Mar, essa é apresentada como gorda, feia, cercada de cores escuras, ou seja, não possui beleza alguma. Além de um estereotipo de padrão de beleza, a história indica também que as pessoas más são gordas e feias.

O machismo está presente de uma forma muito clara nessa história. A princípio Ariel é constantemente confrontada por seu pai, que a diz sempre como se portar, como se apresentar e como seguir as normas, reforçando a ideia de que o papel da mulher deve ser definido pelos homens que a cercam. Depois, a personagem principal abre mão do que tem de mais precioso, abandona sua família para ter a aprovação de um homem que mal conhece. O sofrimento que a personagem enfrenta apenas para estar na presença da figura masculina retrata a ideia de que as mulheres precisam e devem se diminuir para alcançar o ponto alto de suas vidas, o casamento. O papel da mulher, imposto por uma sociedade patriarcal é apresentado e reforçado na vida de Ariel.

5.3 Cinderela – Charles Perrault

Fazendo parte da obra “Os Contos da Mamãe Gansa”, Cinderela foi publicado por Perrault em 1697. Seguindo a linha dos contos de fadas mais conhecidos e divulgados, Cinderela também ganhou inúmeras adaptações para o cinema, desenhos infantis, entre outros. Assim como nos outros contos, esta análise será feita a partir da versão mais conhecida pelo público infantil.

Cinderela era filha de um comerciante muito bem sucedido, e vivia na companhia do pai, da madrasta e de suas duas meias-irmãs. Após a morte de seu pai, Cinderela passa a ser explorada e humilhada por sua madrasta que direciona a ela todas as tarefas de casa, fazendo dela uma serviçal. O único refúgio da garota era seu quarto no sótão e seus amigos, os animais da floresta.

Certo dia, o rei anuncia que promoverá um baile cujo o objetivo é encontrar uma bela esposa para o príncipe e manda que convites sejam entregues em todas as casas para que todas as jovens do reino estejam presentes na festividade. Sabendo que a beleza de Cinderela era estonteante, a madrasta diz que ela poderá comparecer ao baile pois não possui nenhum vestido apropriado. Com a ajuda de seus amigos da floresta, a garota costura para si um vestido deslumbrante feito dos retalhos descartados pelas meias-irmãs. Ao perceber que Cinderela estava interessada em ir ao baile e correndo o risco de que o príncipe escolhesse a garota para ser sua esposa, a madrasta e suas filhas destroem o vestido pouco tempo antes de saírem e a impedem de ir ao baile.

Cinderela se sentiu muito mal e foi para seu quarto, de sua janela observava o palácio e chorava por sentir falta de seu pai e por tudo que estava passando. A partir de suas infinitas lágrimas uma fada madrinha apareceu e usou magia para criar um lindo vestido para que a garota pudesse ir ao baile. Tudo foi preparado com magia, uma linda carruagem e cocheiros surgiram para levar Cinderela ao baile. Antes de sair, a fada madrinha avisou que todo o feitiço acabaria meia-noite e toda a magia seria desfeita.

Cinderela estava tão arrumada que ninguém a reconheceu, nem mesmo sua madrasta. Logo que o príncipe bateu os olhos na garota a convidou para dançar, durante a noite eles conversaram tanto que se apaixonaram perdidamente. Quando ouviu o relógio anunciando que daria meia-noite, Cinderela saiu correndo sem se

despedir de seu amado, ao descer pelas escadas do palácio, deixou cair um de seus sapatinhos de cristal.

O príncipe ficou muito triste e preocupado por não saber nem mesmo o nome de sua amada moça, ao sair para procurar por ela encontrou seu sapatinho e com isso começou sua busca pela garota desconhecida. Muitas moças mentiram dizendo que o sapato as pertencia, porém o sapatinho não serviu em nenhuma delas. Quando chegou o momento de procurar na casa de Cinderela, sua madrasta a trancou no quarto e permitiu apenas que suas duas filhas passassem pelo teste, as garotas tentaram de todas as formas, mas o sapato não encaixava de maneira nenhuma.

Ao sair da casa, um dos empregados do príncipe avistou uma garota na janela do sótão e mandou chamá-la, contrariada, a madrasta pediu que Cinderela descesse para provar o tal sapato. Antes que ela provasse o sapato, o príncipe lembrou de seus olhos e sentiu que ela era a dona do sapato e o amor de sua vida. Cinderela e o príncipe se casaram em uma linda festa no palácio e foram felizes para sempre.

Na história de Cinderela a beleza feminina é posta em jogo assim como na maioria dos contos de fadas e em suas várias adaptações. Aqui, a personagem principal é loira, magra e tem olhos claros, por isso nos é apresentada com uma mulher de beleza estonteante. Por possuir uma beleza tão grande, Cinderela é alvo de inveja de suas meias-irmãs. Assim como visto nos outros contos, a competição feminina é enredo para muitas histórias. Essa falta de empatia entre mulheres é apresentada para crianças por meio de contos de fadas, e se torna, indiretamente, uma forma de manter o domínio masculino enraizado na sociedade.

“Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram.” (WOLF, 1992, p.15)

Apresentar, desde a infância, histórias que trazem padrões definidos pelo patriarcado e não discutir esses padrões, é uma maneira de continuar perpetuando esse poder masculino que existe na sociedade como um todo. Um ponto muito presente na história da Cinderela é que a aparência dos personagens é o principal fator, não nos são apresentadas características da personalidade, características sociais, mas tudo gira em torno da aparência. A beleza aqui é tão importante pois é a partir dela que a concepção de identidade pessoal é estabelecida (WOLF, 1992).

Além da aparência física das personagens femininas no enredo de Cinderela, os aspectos morais patriarcais também são ressaltados. Cinderela é apresentada como uma mulher que tem por maior virtude sua inocência e bondade, e isso faz dela uma companheira perfeita (BETTELHEIM, 2018). O estereótipo de que as mulheres, além de seguirem um padrão estético, precisam possuir virtudes apreciadas pelos homens para serem aceitas e desejadas acaba sendo reforçado com a história.

“Quando Cinderela foi inventada, o estereótipo comum contrastava a grandeza do homem com a pequenez da mulher, e o pezinho da heróina a tornaria especialmente feminina. O fato de ter pés tão grandes que eles não cabem no sapato torna as meias-irmãs mais masculinas do que Cinderela – e portanto menos desejáveis.” (BETTELHEIM, 2018, p. 368)

A madrasta não deixa Cinderela ir ao baile pois a considera mais bonita que suas filhas e pode chamar atenção do príncipe. Cinderela é escolhida para dançar simplesmente por sua beleza, enquanto todas as outras garotas não foram convidadas pelo mesmo motivo. As meias-irmãs sentem inveja e desejam o mal para Cinderela por não se considerarem tão bonitas quanto ela. Isso prova que praticamente toda a história é controlada pela beleza, ou na falta dela. Esse fato fictício do conto se materializa e se torna real conforme as discussões não são feitas com o público que ouve a história, fazendo que toda essa visão seja perpetuada.

“Desde a Revolução Industrial, as mulheres ocidentais da classe média vêm sendo controladas tanto por ideais e estereótipos quanto por restrições de ordem material.” (WOLF, 1992, p.18)

Outro ponto bastante recorrente nos contos de fadas, e principalmente na história de Cinderela é a necessidade do casamento na vida da mulher, sendo mostrado como a salvação para todas as mulheres. A vida de Cinderela melhora totalmente assim que se casa com o príncipe, homem esse que a garota pouco conhece. Todos os traumas, experiências ruins vividas pela personagem se resolvem no momento de seu matrimônio. A necessidade por uma figura masculina na vida da mulher nos é ensinada desde sempre, por diversos veículos midiáticos. Como exposto por Zanello em seu livro “Saúde mental, gênero e dispositivos”:

“...é algo bem recorrente em quase todos os produtos culturais direcionados às mulheres: a ideia de que a coisa mais importante que pode lhes acontecer na vida é encontrar um homem e que ele é/deve ser o centro motivador organizador de sua vida. Ou seja, naturaliza-se a ideia de que o sonho de toda mulher é se casar.” (Zanello, 2018, p.47)

Um reforçador para a ideia de que o casamento é o sonho de toda mulher é que, no conto, convites são enviados para todas as moças do reino. Ou seja, no momento em que o príncipe decide escolher uma noiva, todas as mulheres são convidadas a estar a sua disposição. Além de trazer o matrimônio como algo muito valioso para a vida das mulheres, a história de Cinderela, assim como outros contos de fadas, passam a ideia de um casamento sem amor, no qual os personagens mal se conhecem a fundo para tomar essa decisão.

“Cinderela no final da história está efetivamente pronta para um casamento feliz. Mas será que ama o príncipe? A história não o diz em parte alguma. Ela conduz Cinderela até o momento do noivado, quando o príncipe lhe entrega o sapatinho dourado, que poderia igualmente ser a aliança de ouro do casamento...” (BETTELHEIM, 2018, p.379)

Todos esses conceitos, ideais e estereótipos contidos no conto, são passados para as crianças, mesmo que de forma indireta, e influem na formação de suas personalidades.

A narrativa de Cinderela traz consigo a presença de alguns estereótipos que reforçam a ideia que o padrão deve ser seguido, principalmente pelas mulheres. O padrão de beleza, corpo magro, cabelos lisos e claros, pele clara também se faz presente nesse conto. Cinderela é considerada mais bela que todas as mulheres por se encaixar nesse padrão estético, essa competição por ser a mais bonita apresenta também a ideia de que as mulheres devem estar em uma eterna batalha por beleza e atenção masculina.

A maior parte do conto se passa em um cenário e contexto de realeza, e curiosamente não traz nenhum personagem preto, reforçando a ideia de que o povo preto não tem lugar em histórias como essas. A raiz do preconceito racial fica ainda mais funda quando crianças pretas não se veem em nenhuma das histórias de princesas e de realeza.

A necessidade do matrimônio na vida da mulher é outra ideia aqui reforçada, convites para o baile do príncipe são enviados a todas as mulheres do reino, ou seja, todas as mulheres são vistas como objetos de escolha, são diminuídas a serem apenas esposas. Cinderela é escolhida por sua beleza e sua vida fica perfeita no momento em que se casa com a figura masculina ali apresentada. O estereótipo aqui reforçado apresenta a beleza como fator decisivo na vida e também o casamento como objetivo a ser alcançado na vida das mulheres.

Fazendo uso de todos os pontos expostos por Perrault no conto da Cinderela, faz-se necessário lembrar que os contos de fadas são histórias ricas para o imaginário infantil, mas possuem também ideais que perpetuam os estereótipos que existem na sociedade, portanto, discussões sobre esses pontos precisam ser feitas entre os adultos, e, principalmente, entre as crianças.

5.4 A Princesa e o Sapo – Ron Clements e John Musker

“A princesa e o Sapo” é uma história que teve sua versão inicial escrita pelos Irmãos Grimm, com o título de “O Príncipe Sapo” por volta de 1810 e está no Manuscrito Olenberg. Tal história possui uma princesa branca com longos cabelos loiros que, ao perder uma bola de ouro, encontra um sapo e a partir disso o enredo se desenrola.

Tendo por inspiração a história dos Irmãos Grimm, Ron Clements e John Musker, em 2009, escreveram uma nova versão do conto para uma adaptação cinematográfica de título “A Princesa e o Sapo”. Nessa nova história a protagonista não é princesa de berço, mas sim uma cozinheira negra que sonha em conseguir abrir seu restaurante em homenagem a seu falecido pai. Essa será a versão aqui analisada, por ter sido transformada em filme pela companhia multinacional estadunidense de mídia “The Walt Disney Company”, a história repaginada ganhou um alcance muito grande sendo conhecida por muitas crianças pelo mundo.

“A Princesa e o Sapo” conta história de Tiana, que quando criança vivia com sua família em um bairro simples da cidade de Nova Orleans. Desde pequena, Tiana teve contato com a culinária e adorava cozinhar com seu pai, eles eram conhecidos por elaborar a receita da melhor sopa da cidade. O sonho da família era, um dia, ter condições financeiras de abrir um restaurante.

Como retratado no filme, numa noite estrelada, Tiana vê uma estrela brilhar muito forte e pede que seu sonho seja realizado. Com o passar dos anos, o pai de Tiana morre deixando ainda mais forte na garota a vontade de abrir um restaurante para honrar a memória do pai.

Durante toda a história a garota trabalha dia e noite num restaurante no qual seu chefe a explora e sempre a trata mal. Ao longo desse tempo ela segue guardando todo dinheiro possível para se aproximar cada vez mais de seu sonho. No conto, a melhor amiga de Tiana é Charlotte, apresentada com uma personagem branca, loira e de melhor classe financeira que a protagonista.

Certo dia, Charlotte vai dar um baile de máscaras para o príncipe Naveen e convida Tiana para cozinhar sua famosa comida, sem pensar duas vezes a garota aceita, com o objetivo de chegar ainda mais perto de seu sonhado restaurante. Usando trajes de gala para o baile de sua amiga, Tiana vai até a varanda e refaz o pedido feito em sua infância ao ver uma estrela cintilante. Logo em seguida aparece

um sapo falante nessa varanda, após todo susto, o sapo consegue explicar para Tiana que ele é, na verdade, o príncipe Naveen.

Naveen conta para a garota que um feitiço de Vodou o transformou em sapo, e apenas um beijo de princesa o faria voltar a sua forma humana. Como Tiana estava vestida com trages de gala, o príncipe pensou logo que ela era uma princesa e implorou para que ela o beijasse. De início, a protagonista ficou relutante com a ideia de beijar um animal daquele, mas no momento em que o príncipe prometeu que se ela o ajudasse, ele daria dinheiro para que ela abrisse o restaurante, Tiana fecha seus olhos e o beija.

Nesse momento entramos no clímax da história, pois o sapo não voltou a ser o príncipe Naveen, foi Tiana que também se transformou em sapo. Desesperados com o plano que não deu certo, eles fogem da festa e se encontram perdidos em um pântano. Depois de muitas brigas para tentar entender o que aconteceu, eles encontram Louis, um jacaré musicista que adora tocar trompete, e por pura coincidência ele sabe exatamente quem pode resolver o problema desses dois sapinhos, uma poderosa feiticeira que conhece tudo sobre magia, a famosa Mama Odie.

Durante a jornada para encontrar Mama Odie, Tiana e Naveen aprendem a conviver e conseguem aprender muito um com o outro. A garota o ensina a sempre lutar e trabalhar duro pelos objetivos e o príncipe a mostra que também é importante tirar um momento para se divertir e aproveitar a vida. Assim, eles se tornam grandes amigos.

Enquanto essa aventura acontece no meio do pântano, na cidade Charlotte está tentando encontrar Tiana a todo custo. Além disso, um malvado e perigoso feiticeiro Vodou, chamado Dr. Facilier praticante de vodou, também está em busca dos pequenos sapinhos para conseguir enganar e conseguir o que quer.

Após uma longa noite de caminhada até a casa de Mama Odie, Tiana e Naveen conseguem encontrar o local e falar com ela. A feiticeira usa sua poderosa magia para mostrar que a princesa que o sapo deveria ter beijado era, na verdade, Charlotte. Ainda restava uma solução, se Naveen beijasse Charlotte antes da meia noite, o feitiço ainda poderia ser quebrado. Os dois sapinhos se apressam para chegar a cidade passando pelos desafios do pântano, mas já é tarde demais, o relógio já tinha passado da meia noite e agora eles seriam sapos para sempre.

Depois de muito pensar e lamentar, eles entendem que podem ser felizes pois têm um ao outro e estão apaixonados, o amor os fará felizes. Assim, eles voltam para o pântano e planejam um belo casamento na presença de todos os animais que viraram seus amigos, e é claro, Mama Odie celebra essa união. No momento do beijo para selar o compromisso do casamento, Tiana, agora casada com um príncipe, se transforma em uma linda princesa, e o príncipe Naveen volta a sua forma humana. Juntos, eles conseguiram voltar para a cidade, enfrentar o mestre Vodou e também abriram um restaurante para honrar a memória do pai de Tiana. A princesa enfim, tinha tudo aquilo que sempre precisou e sonhou.

Essa adaptação do conto “A princesa e o Sapo” é amplamente conhecida por ter sido uma das primeiras produções da Disney que apresentavam uma princesa negra nas telas. Tiana tem características físicas muito incomuns ao universo dos contos de fadas, pele preta, cabelo enrolado e olhos escuros. Essa personagem nos é apresentada com uma pessoa de baixa renda que precisa trabalhar duro para alcançar seus objetivos.

O fato de ser apresentada como uma pessoa que luta pelos seus sonhos não é de fato um problema, na verdade impulsiona a criança a encontrar a certeza de que tudo dará certo (Bettelheim, 2018). Isso só deve ser visto com atenção para que essa responsabilidade não recaia apenas para aqueles que estão à margem da sociedade, tal força para buscar um final feliz não pode servir de reforço para que, as pessoas pretas por exemplo, sejam vistas sempre como indivíduos que, por natureza, estão acostumados com o sofrimento.

“O conto de fadas não deixa dúvidas na mente da criança de que se deve suportar a dor e assumir os riscos, pois é necessário adquirir identidade própria e, apesar de todas as angústias, não há dúvidas quanto ao final feliz.” (BETTELHEIM, 2018, p. 116).

Infelizmente, a dicotomia dos contos de fada segue a regra nesse conto. As personagens femininas da maioria dos contos de fadas, brancas, loiras e dentro de um padrão estético são apresentadas com protagonistas que nasceram em uma família rica e seguiram a vida usufruindo desse privilégio. Logo aqui, no conto que tem a presença de uma protagonista negra ela é apresentada como alguém que não tem uma boa situação financeira e muito batalhadora.

Tais características não são ruins, o ponto aqui é que elas recaem sobre quem é pobre e na maioria das vezes, negro. A associação criada é a de que a personagem

negra, mesmo em um lugar de protagonista, é vista sempre como uma pessoa pobre, que trabalha durante toda a vida e não tem as mesmas oportunidades. Tal representação da protagonista sempre trabalhando, servindo e agradando atribui, indiretamente, o lugar de subserviência às crianças pretas que por vezes já são colocadas em posições de menor valor na sociedade.

[...] o negro é representado com docilidade servil, submisso ao cumprimento de seu papel de subalternidade (Tia Nastácia, de Monteiro Lobato), ou é aquele que provoca apiedamento (Menino André, da lenda do menino do pastoreio) ou, ainda aquele que é o que é, travestindo-se de outra pele: o negro de alma branca (como Joaquim, de Joaquim, Zuluquim, Zulu – 1983) repercutindo ideias vinculadas, seja pelo regime de subalternidade promovido pela escravização dos povos africanos, seja pela política de branqueamento. (DEBUS, 2017, p. 39)

Outro ponto aqui reforçado, é a introdução da personagem Charlotte como uma princesa. Tiana, personagem negra, é apresentada como trabalhadora de classe baixa, Charlotte, personagem branca, é apresentada como possível princesa rica. As características físicas seguem dominando os papéis de importância nos contos de fadas, mesmo no conto escolhido para ter uma protagonista negra, o papel de importância e valor social é primeiramente atribuído a personagem branca, loira e dentro do padrão estético.

“O narcisismo é parte importante da constituição da criança pequena. A criança deve aprender gradualmente a transcender essa forma perigosa de autoenvolvimento.” (Bettelheim, 2018, p. 283)

O narcisismo que rege essa briga por beleza é uma questão importante para a infância, a partir da construção, ou desconstrução disso, a criança pode aprender a não se sentir na obrigação de seguir um padrão e lutar para ser a melhor nele, mesmo que isso signifique ir contra suas semelhantes.

A dicotomia entre o mal e o bem também é marcante nesse conto, não somente pelas diferenças psíquicas dos personagens, mas também as características físicas são usadas para demarcar quem é bom e quem é mal. Tiana é a protagonista negra, que possui traços finos, corpo magro, ou seja, está dentro de um padrão estético aceito. Seu chefe no restaurante, também negro, é apresentado como alguém gordo, com nariz largo e boca grande. Assim como no conto da Pequena Sereia, o personagem gordo é, também aqui, associado ao mal, é apresentado como vilão da história.

O Vodou, religião africana, faz parte do enredo nessa adaptação de “A Princesa e o Sapo” e é mostrado, na maioria de suas aparições, como uma religião enganadora, perversa e maligna. O vilão principal da história usa essa prática para o mal e é somente assim que ela é mostrada no conto, ou seja, a ideia que é passada aos brancos que conhecem essa história é apenas a de que o Vodou é usado por pessoas negras, más e que querem destruir a felicidade dos outros.

“Tiana (protagonista) refere-se ao Vodum como: “Magia Negra” numa conotação negativa. O filme, de modo geral, representa o Vodum sob as lentes disciplinares da ideologia hegemônica eurocêntrica que segundo Shohat e Stam (2006) traz a Europa numa perspectiva central no mundo do conhecimento, da cultura, entre outros.” (AZEVEDO; SILVA, 2014)

A figura masculina também está presente nesse conto e possui papel de salvador da protagonista. Durante toda a história Tiana é apresentada como uma mulher trabalhadora e auto suficiente, que trabalha duro para abrir seu restaurante e honrar a memória de seu pai. O desejo de Tiana é concretizado no momento em que se casa com o príncipe, a ideia de que a figura masculina na vida da mulher a impulsiona a ser melhor é novamente reforçada. Além de ser uma obrigação da personagem feminina ser salva, a figura masculina também é sempre apresentada como alguém que precisa salvar.

“Os detalhes podem interferir, mas a trama básica é sempre a mesma: o herói improvável se põe à prova matando dragões, resolvendo charadas e fazendo uso de sua esperteza e bondade para viver, até que finalmente liberta a bela princesa, casa-se com ela e vive feliz para sempre.” (Bettelheim, 2018, p.161).

Também é dito no fim do conto que Tiana finalmente conseguiu tudo que sonhou, porém em nenhum momento da história ela expressa querer um casamento. Todo o seu trabalho duro durante anos cai por terra quando conhece um príncipe rico que tem condições financeiras suficientes para que ela abra seu restaurante.

O papel da mulher é novamente exposto como o de uma pessoa incompleta, que por mais que lute, só é capaz de conseguir seus objetivos com o apoio de uma figura masculina, independente de ser esse um desejo ou não. Mesmo o casamento não sendo o objetivo de Tiana, alcançar esse “êxito” no final da história, o conto reforça a ideia de medir o sucesso de uma mulher baseado em suas escolhas, ou não, matrimoniais.

Encontrar um marido tornava-se, para as mulheres, uma questão de sucesso ou fracasso, um mérito pessoal, dependia de suas

capacidades física, estética, intelectual, artística e doméstica, de despertar o interesse e o amor dos homens (MAIA, 2011, p. 127)

Os estereótipos de padrão de beleza são reforçados e apresentados para as crianças por meio do conto pois determinam o valor de cada um, mesmo entre os personagens negros, a dicotomia entre o feio e bonito expressão essa definição de moral. Além disso, a adaptação reforça também como o negro é visto na sociedade por meio, seja da representação de Tiana como pobre e trabalhadora, seja pela representação do Dr. Facilier como feiticeiro que faz uso da magia negra.

“Na construção de identidades, há valores culturais que fazem com que tenhamos a nossa autoestima alta ou baixa, de acordo com as posições que ocupamos na sociedade. Além disso, a diversidade de papéis pode gerar conflitos, uma vez que o sujeito pode ser confrontado com papéis com expectativas contrárias, incompatíveis.” (LIMA, 2007, p. 21)

O matrimônio também é um ponto reforçado na história. Mesmo que durante a maior parte do conto esse tópico não faça parte da vida da protagonista, no fim ele é atribuído como algo que sempre foi desejado por Tiana. A presença de uma figura masculina para alavancar a vida, e carreira, de uma mulher é, praticamente, característica principal nos contos de fadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por objetivo geral analisar os contos por meio de uma perspectiva social, física e emocional, a pesquisa aqui feita buscou trazer uma breve linha do tempo apresentando o percurso da literatura infantil e aprofundando raízes no gênero literário dos contos de fadas.

Partindo de uma fundamentação teórica da origem da literatura voltada exclusivamente para as crianças, foi possível entender a real necessidade de um gênero literário que fosse pensado por profissionais para a área da infância. Afinal, as vivências do mundo adulto diferem, de maneira geral, das experimentações feitas na infância, ou seja, os contos infantis apresentavam, e apresentam, objetivos diferentes da literatura antes compartilhada por crianças e adultos.

Algumas das considerações a respeito da literatura para crianças e o uso dessa literatura na cultura escolar serão apresentadas aqui para melhor compreensão do trabalho como um todo. O objetivo principal da criação de uma literatura infantil foi o de ensinar e moldar o comportamento das crianças com base nos valores morais enaltecidos na época. A partir de tal fato é possível concluir que houve uma mudança no que se pensava sobre infância. A criança, antes vista como um mini adulto, passa, a partir desse momento, a ser vista e pensada como um ser com necessidades individuais e imediatas.

A relação estabelecida entre a literatura infantil e a escolarização também foi aqui compreendida como objetivo específico. Observada a partir da premissa de que ao mesmo tempo que é uma diversão para a criança, a literatura potencializa, em vários sentidos o desenvolvimento da criança (BETTELHEIM, 2018). Com foco na pesquisa sobre os dispositivos que regem a Educação Infantil e o Ensino Fundamental foi observado que os contos são instrumentos ricos para a escolarização. Por apresentarem características como criatividade e imaginação permitem que a criança siga no seu tempo e seja ensinada a ser, cada vez mais, autora e sujeito do seu próprio desenvolvimento.

O letramento literário foi entendido, dentro do âmbito da escolarização, como instrumento que potencializa a experimentação e vivência das crianças com a literatura, seja escrita, falada, ouvida e entre outras formas.

Para que o cumprimento do objetivo geral fosse completo, a pesquisa do objetivo específico, apresentar a origem dos contos de fadas, era extremamente necessária. De acordo com isso, foi compreendido que a origem exata dos contos de fadas ainda é um mistério, porém, as tradições orais foram as primeiras a fazerem uso das histórias para crianças.

Os primeiros contos documentados, tiveram seu berço na Europa e se mantem em destaque até os dias atuais, como, Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outros. Com esse estudo, foi possível entender mais sobre como a época em que os contos foram escritos influenciaram, e influenciam, os entendimentos sobre moral, padrões estéticos, preconceitos e diversos outros fatores.

Os contos brasileiros, também criados a partir de tradições orais, tiveram importante papel na construção de uma história mais próxima da realidade vivida pelas crianças em território nacional. Monteiro Lobato consolidou sua fama com cenários e enredos que se passavam em lugares familiares a vivencia das crianças leitoras. Por meio desse passeio pela origem dos contos no Brasil, o racismo não deixou de ser observado, comprovando que, assim como nos contos de origem europeia, a época na qual os contos são criados influencia na maneira como eles serão escritos e que tipo de estereótipos estarão presentes nos enredos e personagens.

Para que o objetivo específico de apresentar a relação existente entre as características presentes nos contos de fadas e os estereótipos presentes na sociedade fosse entendido e exposto, foi necessário trazer também um breve entendimento sobre a perspectiva da psicanálise sobre os contos de fadas. Ou seja, foi observado que a importância dos contos de fadas para as crianças é tão significativa que todas e quaisquer características presentes nos enredos serão internalizadas de diferentes formas pelo público infantil.

Além disso, observar a perspectiva interpretativa dos contos de fadas foi necessária para trazer a luz a importância desse gênero literário para a infância em todos os seus aspectos. O conto usa em seus enredos uma linguagem que se comunica com o imaginário da criança, sendo de extrema importância para o

entendimento e descobrimento de questões que perpassam o eixo moral, cognitivo e também emocional. Um exemplo disso, é que por meio dos contos de fadas as crianças conseguem aprender a lidar com situações adversas e também se imaginar em diferentes papéis, gerando assim uma vivência muito mais ampla.

Devido ao fato de retratarem questões morais da época em que foram escritos, os contos de fadas carregam consigo diversas características que perpetuam padrões que hoje, já são entendidos, como excludentes na sociedade. Tais aspectos físicos e morais estão presentes nos contos e por vezes não são abordados durante seus usos com as crianças, fazendo com que tais padrões continuem não sendo pauta de discussões, o que acarreta, diretamente, em uma perpetuação.

Com as pesquisas realizadas e aqui expostas, foi visto que todos os pontos e detalhes contidos nos contos de fadas são muito significativos para o imaginário infantil. Dessa forma, as características físicas, sociais e morais contidas no enredo dos contos precisam ser discutidas e tratadas com a importância que tem. Afinal, a falta de discussão sobre tais temas apresenta grande potencial na não resolução deles.

O trabalho também ressalta a importância dos contos de fadas e de suas características para a fase da infância. Por meio dos contos as crianças se aproximam de temas como morte, maldade e coragem, temas que, quando apresentados por meio dos contos se relacionam com o imaginário infantil, permitindo que esse entendimento seja muito mais leve e converse com a criança de uma maneira não agressiva e traumática.

Seguindo por um viés diferente em relação aos temas considerados inapropriados, o programa “Conta pra mim”, lançado pelo MEC em Dezembro de 2019, que tem por objetivo favorecer o desenvolvimento da leitura e escrita preparou uma coletânea de histórias, contos e livros. Tal coletânea expõe em seu objetivo que as histórias contaram apenas com enredos bonitos e tranquilos, excluindo assim, todo contato com a riqueza dos temas contidos nos contos de fadas em geral. Tal programa apenas reforça a ideia de que as crianças não podem ter contato com temas que sejam reais e que as façam refletir sobre o bem e o mal.

Por meio das análises dos contos de fadas foi possível concluir que na maioria dos enredos as características físicas e morais dos personagens são de incrível valor

para o desenrolar da história. Com isso, estereótipos enfrentados por milhares de pessoas, desde o nascer, são reforçados pela falta de discussão ao fazer uso desse, tão rico, instrumento literário que é o conto.

Estereótipos de beleza estavam presentes em todos os contos analisados durante essa pesquisa, as características físicas da personagem principal sempre seguem um padrão já conhecido na sociedade como representação do que é belo. A pele clara, o cabelo liso, a magreza e os traços finos são apresentados nos contos como requisitos para uma beleza inestimável. Isso exclui e coloca a margem todas as crianças que não fazem parte desse padrão, faz com que o processo de reconhecimento com as questões abordadas pelos contos se torne mais difícil.

Além disso, o papel moral da mulher, definido séculos atrás pelos homens, está presente nos contos de fadas, e se não discutido, pode continuar sendo reafirmado como correto. A necessidade do matrimônio para a mulher, o prazer por fazer tarefas domésticas, o fato de precisar ser salva por uma figura masculina são exemplos de como o machismo está presente nos enredos desses contos de fadas.

Tais estereótipos começam a fazer com que as crianças que estão fora do padrão busquem por mudanças em seus corpos, suas definições de beleza e seus cabelos. O ponto principal da pesquisa é mostrar que a história pode mudar, ou melhor, pode ser discutida juntamente com as crianças para que todos se identifiquem, a criança não deve querer mudar quem ela é para caber na história, a história é que precisa ser debatida e discutida para honrar as diferenças existentes no mundo.

Os contos de fadas são instrumentos belíssimos na formação da criança pois conversam diretamente com o imaginário delas, portanto não devem ser banidos das escolas e salas de aula. Pelo contrário, o uso dessa ferramenta pode ser aprimorado de acordo com as necessidades tanto das crianças, como da sociedade como um todo.

Dessa maneira, as atividades e pesquisas que envolvam os contos de fadas dentro do ambiente escolar devem ser pensadas, pelos educadores, com objetivo de discutir e levantar questões que possam de alguma maneira ser excludentes para as crianças como um todo. Ou seja, é trabalho conjunto dos professores e crianças de

fazerem com que os contos se encaixem na realidade existente e não que as crianças se padronizem para caber nas características dos contos. Para isso, as discussões e debates sobre os estereótipos físicos, sociais e morais são de total importância para infância em contato com os contos de fadas.

Com isso, usar toda a riqueza dos contos de fadas como impulsionadores para que as crianças se conheçam em sua totalidade, se respeitem e principalmente se amem é necessário. Formar crianças conscientes de si e do mundo é tratar crianças como seres que participam de discussões e a partir delas, encontram as chaves para suas mudanças pessoais que mais tarde resultarão em mudanças de mundo.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Com auxílio das pesquisas, estudos e reflexões que me foram apresentadas durante meu processo de formação no curso de Pedagogia, pude ter certeza de que as crianças são os seres mais poderosos e belos desse mundo e assim reafirmar meu compromisso com elas e com a Educação Infantil, área na qual pretendo iniciar e aprofundar minha atuação na educação.

A leitura sempre fez parte dos meus dias e reflexões e isso reflete em como acredito que o estudo da literatura seja importante para a Educação Infantil. Com inspiração em todos os autores e textos lidos para que essa pesquisa fosse possível, pretendo seguir pensando nos contos de fadas como instrumentos de muito valor para as crianças. Por meio das análises feitas nesse trabalho, confirmei que a literatura infantil precisa ser cada vez mais estudada e utilizada com as crianças. Os contos de fadas ocupam um lugar na minha visão de educação infantil, e a necessidade de mudança no mundo também. Ou seja, usar os contos para mudar o mundo das crianças é algo que carregarei sempre como meu objetivo geral, não importa a direção em que a educação me leve.

Ao concluir mais essa etapa do meu processo de formação e aprendizagem entendo que o estudo da educação é algo infinito, e é isso que faz com que a literatura, didática ou não, também seja. Estudar e vivenciar a literatura como ferramenta utilizada para e pelas crianças é algo que me motiva a buscar cada vez mais estar em contato com diferentes histórias, experiências e culturas. Acredito que esse seja o desafio mais prazeroso que já posso ter escolhido enfrentar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira. Melhoramentos**, SP, 1968.

AZEVEDO, Amailton Magno; SILVA, Sheila Alice Gomes. “**Era Uma Vez...;”: O Negro No Imaginário Encantado.**” Sankofa, vol. 7, n. 14, São Paulo, 2014, p.8-22.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BRASIL. **Constituição** (1988); Constituição da República Federativa do Brasil. 1998.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Institui a Lei de Diretrizes e Bases – LDB. Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**.2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: setembro de 2019.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB, n º 5 de 17 de dezembro de 2009: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf Acessado em 10/11/2020.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n.º 13.696, de 12 de junho de 2018**. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasil, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, v.3

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 35 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. Ed. Difusão Europeia de livros, 1967.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Coleção Primeiros Passos

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3 ed. São Paulo: Paulus , 2009.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**.

Pergaminho, (3): p. 71-88, nov. 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

COELHO. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

COELHO. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria Análise Didática**. Edit.

Moderna, 1º Ed. São Paulo 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DAROS, Thuinie **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin E Vigotski** Medeiros Vilela. **Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil**. Revista Práticas de Linguagem. v.3,n. 2, 2013.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Florianópolis: NUP, 2017.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

FACCI, M. G. D.. Cadernos CEDES, Campinas, v. 24, n. 62, abr. 2004, p.64-81.

FARIAS, F. R. A. de; RUBIO, J. de A.S. **Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil**. Revista Eletrônica

Saberes da Educação,v. 3, n.1, 2012. Disponível em:

<https://unisaoroque.edu.br/revista-eletronica/revista-saberes-daeducacao/arquivos/2012-2/>. Acesso em: 20/11/2020.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Letramento literário no contexto escolar**. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos (ORG.) **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. Campinas, SP: Mercados de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011, 321-348.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed.

Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação.

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREUD, S. **El poeta y los sueños diurnos**. In: . **Obras completas**. Traducción de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. 4. ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1981a. v.2, p.1343-1348.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A reinvenção da infância: Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre: ano II, N6, Dez 2004/Mar 2005.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. **A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância**. Estudos linguísticos, São Paulo, 44 (3); p.991-1008, set.- dez. 2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

- GRIFA, M. C.; MORENO, J. E. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento: vida pré-natal, etapas da infância**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- GRIMM, Jacob. **Contos de fadas dos Irmãos Grimm/Irmãos Grimm**; traduzido por Thalita Uba. – Jandira, SP: Principis, 2019.
- KLEIMAN, ANGELA B. (orgs.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 2008.
- LEONTIEV, A. N. (1978). **Actividade, consciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ciencias Del Hombre.
- LIMA, M. C. de. **Discursos e identidades de gênero no contexto da escola**. Tese (Doutorado em Linguística)- Departamento de Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- LOBATO, Ladyana dos Santos; SARMENTO-PANTOJA, Carlos Augusto. **Relações de dominação/subordinação de gênero no conto de fada tradicional “Cinderela”**. Campina Grande: Realize, 2012.
- MAIA, C. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.
- NÓLIO, Lara. **Contos de fadas: Do imaginário às fronteiras da realidade**. Monografia (Licenciatura em pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.22, 2015. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139575/000990553.pdf?sequence=1> Acesso em: Novembro 2019.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; FERREIRA, Marta Clotilde Rossetti. **Creches: Crianças, Faz de Conta & cia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura.** 8ed. São Paulo, Cortez, 2008.

PACHÁ, Paulo. **“Mas quem lavará? Quem cozinhará?”: As princesas da Disney como trabalhadoras e subalternas.** Disponível em

<http://capitalismoemdesencanto.wordpress.com/2013/05/06/mas-quem-lavara-quemcozinhar-as-princesas-disney-como-trabalhadoras-e-subalternas>

:Acesso: 10/10/2019

PAÇO, G. M. A. **O encanto da literatura infantil no Cemei Carmen Montes Paixão.** 2009. Dissertação (Pós – graduação em Educação Infantil) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral.** São Paulo: Cortez, 2005.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares.** Caxambu: ANPED, 1998

PERES, F. C.; MARINHEIRO, E. L.; MOURA, S. M. **A literatura infantil na formação da identidade da criança.** In: Londrina Revista eletrônica das licenciaturas/UEL. Disponível em: <

<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/simone%20mourafabianaedwylson%20-%20pedagogia.pdf> >. Acesso em: novembro 2019.

RUBIM, Lindinalva. **A representação feminina na tv ou a “namoradinha” que virou “mulher”.** Trabalho apresentado XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação na Região Sudeste, Campo Grande/MS: INTERCOM, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do Macho**. Coleção Polêmica, São Paulo, Moderna, 1987.

SILVA, Antonieta Mirian de O.C., SILVEIRA, Maria Inez Matozo. **Leitura para fruição e letramento literário: Desafios e possibilidades na formação de leitores In.: VI EPAL- Anais**, 2011.

SORIANO, M.. **Contos de fadas e identidade infantil**. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/MEAS.2009.pdf>>. Acesso em: novembro de 2019.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas**. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

SWAIN, T.N. **La construction des femmes: le renouveau du patriarcat** (Texto inédito apresentado em Lausanne, França), 2012. Recuperado em 20, Abril de 2020, em: <http://www.tanianavarroswain.com.br/francais/lausanne%20fr.htm>

VYGOSTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação/ Valeska Zanello**. – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2018.

ZILBERMAM, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1981